

# OS ARQUIVOS PERDIDOS

OS LEGADOS DO NÚMERO NOVE



PITTACUS LORE

AUTOR DOS BEST-SELLERS

EU SOU O NÚMERO QUATRO E O PODER DOS SEIS





PITTACUS LORE

OS ARQUIVOS PERDIDOS:  
OS LEGADOS DO NÚMERO NOVE

OS LEGADOS DE LORIEN

TRADUÇÃO DE DÉBORA ISIDORO



Copyright © 2012 by Pittacus Lore

Todos os direitos reservados.

TÍTULO ORIGINAL

The Lost Files: Nine's Legacy

CAPA

Julio Moreira

REVISÃO

Umberto Figueiredo

GERAÇÃO DE EPUB

Intrínseca

E-ISBN

978-85-8057-234-6

Edição digital: 2012

*Todos os direitos desta edição reservados à*

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar

22451-041 — Gávea

Rio de Janeiro — RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

[www.intrinseca.com.br](http://www.intrinseca.com.br)



# CAPÍTULO

## UM

Há regras para quem quer ficar escondido em lugares visíveis. A número 1, ou que Sandor repete com mais frequência, é: “Não seja burro.”

Estou prestes a quebrar essa regra tirando a calça.

A primavera é minha estação preferida em Chicago. O inverno é gelado e venta muito, o verão é quente e barulhento, a primavera é perfeita. A manhã de hoje está ensolarada, mas ainda persiste no ar um frio proibitivo, lembrança do inverno. O ar traz borrifos gelados do Lago Michigan, pinicando meu rosto e deixando úmido o chão sob meus tênis.

Todas as manhãs, corro os trinta quilômetros da trilha que margeia o lago, fazendo intervalos sempre que posso, não por precisar disso, mas para admirar a água meio cinzenta, meio azulada do Lago Michigan. Mesmo quando está frio, sempre penso em mergulhar e nadar até o outro lado.

Luto contra esse impulso da mesma forma que resisto à vontade de acompanhar o ritmo dos ciclistas que passam por mim com suas roupas de lycra cor de neon. Tenho que ir devagar. Há mais de dois milhões de pessoas nesta cidade e sou mais rápido que todas elas.

Mesmo assim, preciso correr.

Às vezes faço o percurso duas vezes para suar de verdade. Essa é outra das regras de Sandor para se esconder em lugares visíveis: sempre parecer mais fraco do que realmente sou. Nunca dar o meu máximo.

É bobagem reclamar. Estamos em Chicago há cinco anos graças às regras de Sandor. Cinco anos de paz e tranquilidade. Cinco anos desde que os mogadorianos encontraram nossa pista pela última vez.

Cinco anos de um tédio cada vez maior.

Assim, quando uma vibração de repente sacode o iPod preso em meu braço, sinto um nó no estômago. O aparelho não deve dar sinal a menos que haja algum problema por perto.

Levo apenas um momento para decidir como agir. Sei que é arriscado. Sei que vou contrariar tudo o que me disseram para fazer. Mas também sei que vale a pena

correr o risco; sei que, às vezes, é preciso ignorar o treinamento. Corro para a lateral da pista, fingindo que estou com cãibras. Quando termino de me alongar, tiro a calça de corrida que tenho usado para me exercitar todos os dias desde que nos mudamos para Chicago e a enfito na mochila. Por baixo da calça estou com um short de corrida vermelho e branco, como o uniforme do St. Louis Cardinals – aqui em Chicago, as cores do inimigo.

Mas usar as cores dos Cards em território dos Cubs nem chega a ser uma preocupação, se comparada às três cicatrizes que tenho no tornozelo. Rivalidades do beisebol e vinganças interplanetárias são coisas que não dá para comparar.

As meias curtas e os tênis de corrida não escondem as cicatrizes. Qualquer um que se aproxime de mim pode vê-las, embora eu duvide que meus colegas de pista tenham o hábito de examinar os tornozelos dos outros. Só quem vai perceber é aquele corredor cuja atenção estou tentando atrair.

Quando volto ao exercício, meu coração está batendo mais depressa que de costume. Excitação. Há muito tempo não sinto nada parecido. Estou desrespeitando uma regra de Sandor, e isso é emocionante. Só espero que ele não esteja me observando pelas câmeras de segurança da polícia, que conseguiu “hackear”. Isso não seria nada bom.

Meu iPod vibra de novo. Na verdade, não é um iPod. Não toca música nenhuma e os fones de ouvido são só uma encenação. Sandor montou o aparelho em seu laboratório.

É meu detector de mogadorianos. Eu o chamo de iMog.

O iMog tem suas limitações. Capta padrões genéticos mogadorianos nas imediações, mas só abrange alguns poucos quarteirões e pode haver interferências. É alimentado por material genético mogadoriano, que se decompõe rapidamente; então, não é surpresa que o iMog seja meio instável. Como Sandor explicou, o aparelho nos foi dado por um humano, amigo dos lorienos, logo que chegamos de Lorien. Sandor passou um bom tempo tentando adaptá-lo. A ideia era inserir o aparelho em uma carcaça de iPod para não chamar atenção. Não existe nenhuma lista de reprodução ou capa de álbum na tela do iMog – só um solitário ponto branco no fundo preto. Que sou eu. Eu sou o ponto branco. A última vez que sintonizamos o iMog foi depois do ataque mais recente, quando recolhemos cinzas mogadorianas de nossas roupas para que Sandor tentasse sintetizá-las, estabilizá-las ou fazer alguma outra coisa científica à qual nunca presto muita atenção. Nossa

regra é que, se o iMog dispara, nós nos mudamos. Ele não emitia nenhum sinal há tanto tempo, que eu já começava a me preocupar com a possibilidade de ter parado de funcionar.

Foi então que, há alguns dias, o iMog disparou enquanto eu corria. Um solitário ponto vermelho se movia pela margem do lago. Naquele dia voltei para casa correndo, mas não contei a Sandor o que tinha acontecido. Na melhor das hipóteses, não haveria mais corridas no lago. Na pior, íamos encaixotar nossas coisas. E eu não queria que nada disso acontecesse. Acho que foi a primeira vez que desrespeitei a regra de “não ser burro”. Quando comecei a esconder coisas de meu Cêpan. O aparelho agora vibrava e apitava por causa do ponto vermelho que se movia alguns metros atrás de mim. Vibrava e apitava no ritmo do meu coração disparado.

Um mogadoriano.

Arrisquei olhar para trás e não tive dificuldade para identificar qual dos corredores era ele. Alto, cabelo preto bem curto, quase raspado, usando um moletom dos Bears, daqueles comprados em bazar de caridade, e óculos escuros grandes. Passaria por humano se não fosse tão pálido, o rosto totalmente desprovido de cor mesmo exposto ao frio.

Aperto o passo, mas não me dou o trabalho de tentar fugir. Por que facilitar as coisas para ele? Quero ver se esse mog consegue me acompanhar.

Quando me afasto do lago e tomo o caminho para casa, percebo que posso ter sido um pouco arrogante. Ele é bom – melhor do que eu esperava. Mas eu sou ainda melhor. De qualquer maneira, enquanto vou aumentando a velocidade, sinto o coração disparar por causa do esforço, e, até onde lembro, é a primeira vez que isso acontece comigo.

Ele está me alcançando, e minha respiração fica ofegante. Estou bem, por enquanto, mas não vou conseguir manter o ritmo para sempre. Dou outra olhada no iMog. Felizmente, meu perseguidor não chamou os amigos. Continuo vendo apenas um ponto vermelho. Somos só nós.

Ignoro os barulhos da cidade à nossa volta – casais bem-sucedidos a caminho de um *brunch*, famílias felizes de turistas fazendo piadas sobre o vento – e me concentro no mogadoriano, usando minha audição naturalmente apurada para ouvir sua respiração. Ele também está ficando ofegante, sua respiração está irregular. Mas os passos ainda acompanham os meus. Procuro identificar qualquer

ruído que indique que ele esteja tentando se comunicar, já preparado para correr muito mais, caso ele dê o alerta.

Mas isso não acontece. Sinto seu olhar fixo em minhas costas. Ele acha que ainda não notei sua presença.

Arrogante, exausto e burro. Ele é tudo que eu esperava.

O John Hancock Center se ergue sobre nós. O sol brilha com mais intensidade refletido nas milhares de janelas do arranha-céu. Uma centena de andares e, no topo, minha casa.

O mogadoriano hesita quando entro pela porta principal do prédio, depois me segue. Ele me alcança quando estou atravessando o saguão. Mesmo esperando por isso, fico tenso quando sinto o cano frio de uma pequena arma mogadoriana entre minhas omoplatas.

“Continue andando”, ele murmura.

Sei que não poderá me ferir enquanto eu estiver protegido pelo amuleto lórico, mas obedeço. Deixo ele pensar que está no controle.

Sorrio e aceno para os seguranças na mesa da recepção. Com o mogadoriano atrás de mim, entramos no elevador.

Enfim sós.

O mogadoriano mantém a arma apontada para mim enquanto aperto o botão do centésimo andar. Estou mais nervoso do que previa. Nunca fiquei sozinho com um mogadoriano. Lembro a mim mesmo que tudo está acontecendo conforme planejei. Quando o elevador começa a subir, adoto a atitude mais casual que consigo.

– Fez uma boa corrida?

O mogadoriano agarra meu pescoço e me empurra contra a parede do elevador. Preparo-me para sentir o ar faltando em meu corpo, mas, em vez disso, sou inundado por uma sensação de calor que desce por minhas costas, e é o mogadoriano que cambaleia e dá um passo para trás, sem fôlego.

O amuleto lórico está funcionando. Sempre me surpreendo com sua eficiência.

– Então, você não é o Número Quatro – ele diz.

– Você é rápido.

– Qual é seu número?

– Eu *até poderia* dizer. – Encolho os ombros. – Não sei que diferença faria. Mas vou deixar você deduzir.

Ele me olha de cima a baixo, tentando me intimidar. Não sei como é o restante



da Garde, mas eu não me assusto com tanta facilidade. Tiro o iMog do braço e o coloco no chão, com cuidado. Se o mogadoriano acha isso estranho, não deixa transparecer. Gostaria de saber qual é a recompensa pela captura de um membro da Garde.

– Posso não saber qual é o seu número, mas sei que tudo o que você pode esperar é uma vida inteira em cativeiro enquanto matamos o restante dos seus amigos. Não se preocupe – ele acrescenta –, não vai demorar.

– Boa história – respondo olhando para o painel do elevador; estamos quase no topo.

Sonhei com esse momento noite passada. Na verdade, não foi bem isso. Não consegui dormir, agitado demais com o que estava por vir. Eu fantasiei sobre esse momento.

Certifico-me de saborear cada uma das minhas palavras.

– O negócio é o seguinte – digo. – Você não vai sair daqui vivo.

# CAPÍTULO

## DOIS

Antes que o mogadoriano possa reagir, aperto uma série de botões no painel do elevador. É uma sequência de números que ninguém na torre jamais teria razão para usar, uma sequência programada por Sandor para iniciar as medidas de segurança que ele instalou no elevador.

A cabine treme. A armadilha é ativada.

Meu iMog se ergue do chão, flutua e se fixa com um estalo na parede do fundo. Mais rápido que um piscar de olhos, o mogadoriano também se lança para o fundo, uma força atraindo a arma que ele tem na mão e qualquer outro objeto metálico de seus bolsos. Ouço o ruído de algo sendo triturado quando a mão dele fica esmagada entre a arma e a parede. Ele grita.

O mogadoriano achava mesmo que não protegeríamos nossa casa?

O poderoso ímã instalado no elevador é apenas um dos itens de segurança que meu Cêpan plantou secretamente no John Hancock Center. Eu nunca havia visto o ímã funcionar com a finalidade para a qual fora planejado, mas, definitivamente, já tinha me divertido bastante com ele. Passara horas com a porta do elevador aberta, o ímã acionado, tentando atrair moedas de dentro do apartamento e fazê-las grudar nas paredes da cabine. Como já comentei, as coisas estavam bem tediosas ultimamente.

Era uma brincadeira divertida, até os inquilinos dos andares de baixo começarem a reclamar.

O mog tenta mover os dedos – que agora certamente estão quebrados – e tirá-los de baixo da arma, mas é inútil. Ele tenta me chutar, mas rio e me esquivo. Isso é o melhor que ele pode fazer?

– O que é isso? – grita o mogadoriano.

Antes que eu possa responder, as portas do elevador se abrem e lá está Sandor.

Nunca entendi o gosto do meu Cêpan por ternos italianos caros. Não tem como serem confortáveis. Mas lá está ele, ao meio-dia de um domingo, já impecavelmente vestido. A barba feita. Os cabelos perfeitamente penteados para trás.

É como se Sandor estivesse esperando visitas. Fico me perguntando se ele não esteve observando minha corrida pelo lago, e pensar nisso faz meu estômago revirar.

Vou ficar muito encrencado.

Sandor está acoplado um silenciador no cano de uma reluzente 9mm. Ele olha para mim, sua expressão inescrutável, depois encara o Mog.

– Está sozinho?

O mog tenta se livrar do ímã mais uma vez.

– Está – eu digo.

Sandor olha para mim por um instante, depois repete a pergunta.

– Espera mesmo que eu responda? – rosna o mogadoriano.

Posso ver que Sandor está furioso. Mas a resposta do mog provoca um brilho bem-humorado nos olhos do meu Cêpan. Ele mexe a boca, como se tentasse conter um sorriso. Já assisti a vários filmes de sua tão querida coleção do James Bond, e sei que o mogadoriano acaba de dar a deixa para uma fala perfeita:

– Não – diz Sandor. – Espero que você morra.

Sandor ergue a arma antes de me olhar novamente.

– Você trouxe ele aqui – diz. – Você o mata.

Engulo em seco. Eu planejei tudo aquilo. Não pensava em outra coisa desde quando aquele ponto vermelho apareceu no meu iMog havia dois dias. Mesmo assim, nunca matei ninguém antes. Não sinto pena do desgraçado. Não é isso. Mas é algo importante. Tirar uma vida, ainda que seja a de um mogadoriano. Isso vai me transformar de algum modo?

Tanto faz. Pego a arma de Sandor, mas ele a toma de volta.

– Assim não – diz ele, e larga a arma.

Eu não a deixo cair. Minha telecinesia se desenvolveu no mês anterior, e temos praticado desde então.

Respiro fundo, concentrando-me, preparando-me. Faço a arma levitar até a altura da cabeça do mog. Ele sorri com desdém.

– Você não tem cora...

Com a força da mente, aperto o gatilho.

A arma faz um ruído surdo. A bala atinge o mogadoriano entre os olhos. Segundos depois, ele é um monte de cinzas no piso do elevador.

Sandor pega a arma no ar. Noto que ele está me estudando, mas não consigo

desviar os olhos dos restos do mogadoriano.

– Limpe essa sujeira – diz Sandor. – Depois, precisamos conversar.

# CAPÍTULO

## TRÊS

Limpo o que sobrou do mogadoriano o mais depressa possível, porque não quero ter que explicar à segurança do edifício o que estava prendendo o elevador. Guardo um pouco das cinzas para Sandor, em um saco para congelados. Ele pode usar em um de seus experimentos.

Por alguma razão, minhas mãos não param de tremer.

Imagino que seja porque estou correndo, que o tremor vá parar quando eu terminar de limpar o elevador, mas isso não acontece. Na verdade, só fica pior. Saio do elevador, caminho trêmulo até a sala de estar e, lá, me joga no sofá branco de camurça.

Sim, matei o mog. Sim, foi mais fácil do que eu imaginava. Mas o que senti foi diferente do que eu esperava. Algo poderia ter dado errado.

Não consigo afastar a sensação de ter os dedos do mogadoriano em meu pescoço. Mesmo sabendo que ele não podia me machucar, a sensação continua. Conforme a adrenalina vai passando, só consigo pensar em como foi estúpido atrair o mogadoriano. Queria um pouco de ação. Tentei ser discreto como os espões daqueles filmes do James Bond. Acho que consegui parecer durão, mas o mog jamais vai poder contar isso a ninguém.

Eu olho para o lustre dourado no meio do teto da sala e minha cabeça gira. Coloquei todo aquele lugar em risco. Tudo o que conseguimos construir nos anos que passamos em segurança, o nosso lar. Mais importante: o próprio Sandor. Não estou com disposição para comemorar. Estou é com ânsia de vômito.

Agora mesmo, Sandor poderia estar fazendo nossas malas. E nós poderíamos estar voltando para a estrada.

Antes de Chicago, só o que fazíamos era viajar. Sempre moramos em hotéis e motéis. Sandor nunca quis criar raízes. Ele não é muito bom com os afazeres domésticos – não cozinha nem faz faxina –, e nossas necessidades eram supridas por arrumadeiras carrancudas e pelo serviço de quarto. Passamos dois meses no Ritz-Carlton de Aspen. Aprendi a esquiar. Sandor passava o tempo seduzindo as beldades da neve, perto da lareira. Ficamos uma época na América do Sul,



comendo os melhores bifés do mundo. A história que contávamos era sempre a mesma, que mantivemos aqui em Chicago: Sandor é um investidor que teve sorte no mercado financeiro e agora vive confortavelmente, e eu sou o sobrinho de quem ele cuida.

Gostei de Aspen. Era bom poder ficar ao ar livre sem me preocupar com o fato de ter um monte de pessoas ao meu redor e algumas delas poderem ser alienígenas hostis.

Depois de Aspen fomos para um motel barato nos arredores de Denver. Apreendi a julgar o quanto Sandor achava que estávamos seguros pelo luxo de nossas acomodações. Tínhamos dinheiro para viver em qualquer lugar, graças às pedras preciosas que os nove Cêpans haviam trazido de Lorien, e bons hotéis significavam que Sandor acreditava que estávamos seguros o bastante para melhorar um pouco o padrão de vida; ratoeiras infestadas de insetos indicavam que, naquele momento, era mais importante não chamar a atenção. Para ser bem franco, eu gostava daquele lugar. Foi ali que Sandor inventou a cama vibratória, com potência suficiente para me jogar quase no teto.

Nós nos mudávamos sempre que os funcionários de um hotel passavam a nos conhecer bem demais. Quando nos tornávamos presença fixa, era hora de partir.

Mas isso nunca funcionou. Os mogs sempre nos encontravam.

A última parada antes de Chicago foi um hotel de caminhoneiros em Vancouver. Ainda não sei como escapamos daquela vez. Foi terrível. Cinco mogadorianos nos surpreenderam. Sandor havia criado armas para nos manter seguros – bombas de luz para cegar os mogs e um helicóptero de controle remoto equipado com uma arma letal – e, mesmo assim, quase fomos derrotados. Sandor foi ferido por uma adaga durante a luta e quase não teve forças para dirigir até White Rock, ao sul. Lá, passei uma semana sentado ao lado da cama dele, vendo-o recobrar a consciência e em seguida perdê-la novamente, ardendo com uma febre tão alta que, se os lençóis não estivessem encharcados de suor, acho que ele poderia tê-los incendiado.

Quando Sandor se recuperou, decidiu que não fugiríamos mais.

– Vamos tentar algo diferente – ele me disse. – Temos dinheiro. Vamos usá-lo direito.

Eu não sabia o que ele queria dizer com aquilo.

– Vamos nos esconder à vista de todos.

E nós usamos o dinheiro. A cobertura de dois andares que Sandor comprou no John Hancock Center poderia estar em um daqueles reality shows com celebridades e suas casas luxuosas.

Como se ter um aquário de peixes no alto da cama *king size* fosse ajudá-las quando a invasão mogadoriana acontecer. Não há nada errado com aquários e banheiras, mas nada disso tem utilidade sem armamento.

Sei que Sandor ama Chicago – e eu também gosto muito da cidade. Mas, às vezes, sinto saudades daquele tempo na estrada. Às vezes é como se devêssemos estar fazendo mais do que simplesmente treinar. Meia dúzia de tevês de tela plana, um *chef* particular, o equipamento de ginástica; tudo isso me fez amolecer.

Mas agora, vendo os raios de sol refletidos nos ângulos do lustre, percebo que não quero sair daqui. Apressei as coisas. Sim, quero assumir meu lugar com os outros Gardes. Quero matar cada mogadoriano que puder encontrar. Porém, por mais inquieto que estivesse ultimamente, eu deveria tentar desfrutar ao máximo minha casa enquanto ainda a tenho. Em algum momento a vida vai se resumir à luta. Eu estou preparado?

Respiro fundo e me recomponho. O pânico que sentia desapareceu, substituído pela sensação de medo. Caminho pelo corredor em direção à oficina de Sandor, onde a realidade me espera.

# CAPÍTULO

## QUATRO

Quando entro no cômodo, Sandor está diante da fileira de monitores que fica atrás de sua mesa. Imagens de várias câmeras espalhadas pela cidade podem ser vistas ali, cenas capturadas naquela manhã congeladas no tempo. Não me surpreende descobrir que estou em todas as telas, o mogadoriano do lago visível atrás de mim. Sandor aperta algumas teclas e deleta os arquivos de vídeo, apagando minha imagem do banco de dados de Chicago. Quando sair do sistema, não restará nenhuma evidência do que fiz pela manhã.

Sandor se vira e olha para mim.

– Queria entender por que fez isso, parceiro. Realmente queria.

Meu Cêpan está me analisando; entre nós, várias placas de circuito e peças de computadores estão espalhadas sobre a mesa. O amontoado de projetos por terminar ou abandonados deixa livre apenas um corredor estreito que vai da porta à mesa; autômatos pela metade, armas complexas retiradas do nosso arsenal, motores de carro desmontados e dúzias de outras coisas que não consigo identificar. Sandor adora aqueles brinquedos, e acho que é por isso que ele se identifica tanto com o Batman. Às vezes, até me chama de menino prodígio, imitando o Bruce Wayne. Nunca entendi muito bem os quadrinhos – são irreais demais –, mas sei que quando Sandor fala assim está querendo fazer uma piadinha.

Agora, porém, não estamos brincando. Aquele é Sandor tentando agir com seriedade. Percebo isso pelo jeito como ele passa a mão pela barba e procura as palavras. Ele odeia a barba, mas ela serve para esconder a cicatriz que os mogadorianos lhe deixaram em Vancouver.

– O fato de eu entender o que você fez não torna tudo menos estúpido e irresponsável – ele continua.

– Isso significa que temos que nos mudar? – pergunto, querendo ir direto ao ponto.

Pela expressão dele, noto que Sandor nem pensou nisso. Está assustado, mas nos mudarmos não passou por sua cabeça.

– E abandonar tudo isso? – Ele mostra as pilhas de equipamentos em

montagem. – Não. Trabalhamos muito para deixar este lugar como está, e não vamos abandonar tudo ao menor sinal de problema. E o mogadoriano estava sozinho. Não acredito que tenhamos sido desmascarados. Ainda não. Mas você tem que prometer que não vai mais trazer visitas para casa.

– Prometo – respondo, fazendo um gesto de escoteiro que vi em algum programa de televisão.

Sandor ri.

– Isso me fez pensar – ele diz já se levantando. – Talvez você esteja preparado para passar ao próximo nível de treinamento.

Contenho um gemido. Às vezes sinto que tudo o que faço é treinar, provavelmente porque *só faço isso mesmo*. Antes de desenvolver a telecinesia meus dias eram intermináveis sequências de exercícios de força e aeróbicos, interrompidos pelo que Sandor chama de “prática acadêmica”. Nada de História ou Literatura, só mais instruções que um dia vou poder usar em campo. Quantos garotos sabem como tratar de um osso quebrado ou quais produtos de limpeza podem ser usados para improvisar uma explosão?

Qualquer reclamação que eu poderia fazer nessa hora fica de lado quando Sandor afasta um monte de tralha e vai até minha Arca Lórica. Ele raramente a abre, e eu só o vi usar poucos itens que estavam nela. Espero pelo dia em que vou descobrir e aprender a usar tudo o que tem ali. Talvez devesse ter atraído um mogadoriano até nosso esconderijo antes.

– Está falando sério? – pergunto, ainda esperando algum tipo de punição.

Ele faz que sim com a cabeça.

– Seus Legados estão se desenvolvendo. Chegou a hora.

Abrimos a tranca da Arca juntos. Corro para perto de Sandor e tento pôr as mãos lá dentro. Tantos brinquedinhos novos... Vejo uma bola verde com espinhos e um cristal oblongo que emite um brilho fraco – mas Sandor me empurra para o lado com o cotovelo.

– Só quando você estiver preparado – avisa ele, gesticulando para os mistérios brilhantes que esperam por mim dentro da Arca.

Sandor me entrega um cano prateado de aparência comum, provavelmente o objeto mais sem graça que está ali, e então fecha a Arca, antes que eu possa ver mais alguma coisa.

– Logo seus outros Legados terão se desenvolvido. Isso vai significar que os

outros membros da Garde, pelo menos os que tiverem sobrevivido, também estarão desenvolvendo os deles.

Tento não pensar no ataque de pânico que tive depois de matar o mogadoriano. Sandor está me olhando determinado, com um brilho nos olhos. Ele não está brincando.

– Isso tudo pode ser divertido agora, mas não será só um jogo para sempre. Será uma guerra. *É* uma guerra. Se quer que eu trate você como adulto, tem que entender isso.

– Eu entendo – digo. E é verdade. Acho que é. Giro o cano entre as mãos. – O que isto faz?

Antes da resposta, a coisa se estende e se transforma em um cajado. Sandor recua um passo quando, sem querer, derrubo no chão a carcaça vazia de um computador.

– Serve para bater em coisas – diz Sandor, olhando preocupado para seus frágeis equipamentos. – Mogadorianos, de preferência.

Giro o cajado no alto da cabeça. Por alguma razão, o gesto parece ser natural, como se a arma fosse uma extensão de mim mesmo.

– Incrível...

– Também acho que é hora de você começar a ir à escola.

Agora meu queixo cai. Em todos esses anos de viagens, Sandor nunca se deu o trabalho de me matricular na escola. Quando nos instalamos em Chicago, tentei falar sobre o assunto, mas ele não queria me distrair do treinamento. Houve um tempo em que eu seria capaz de matar para frequentar a escola, ser normal. Agora, a ideia de conviver com humanos da minha idade, de tentar me passar por um deles, é quase tão assustadora quanto a de executar um mog.

Sandor bate no meu ombro, satisfeito. Depois aperta um botão embaixo da mesa.

Uma estante cheia de manuais de eletrônica empoeirados faz um barulho inesperado, o chiado de alguma engrenagem hidráulica, e então desliza para o teto. Surge uma sala cuja existência eu desconhecia.

– Venha para a Sala de Aula, menino prodígio – diz meu Cêpan.



# CAPÍTULO

## CINCO

O que Sandor chama de Sala de Aula não é como as salas que vi na televisão. Não há carteiras, nem lugares para se sentar, de verdade, exceto por uma cadeira que parece um cockpit, presa à parede. Sandor a chama de Palanque, e se acomoda no assento em frente a um painel repleto de botões e medidores piscando. O espaço tem mais ou menos o tamanho da nossa ampla sala de estar, é completamente branco e todo revestido com o que parecem ser painéis retráteis.

Meus passos ecoam enquanto caminho até o centro da sala.

– Há quanto tempo está trabalhando nisso?

– Desde que nos mudamos para cá – ele responde, acionando uma série de pedais no Palanque.

Sinto a sala vibrar e ganhar vida sob meus pés.

– Por que não me disse nada?

– Você não estava preparado – explica Sandor. – Mas hoje provou que já está. É hora de começar a última fase do treinamento.

Eu havia atraído o mogadoriano até a cobertura porque queria mostrar a Sandor que estava preparado para mais ação. Queria mostrar a ele que sabia agir sozinho, que podia ser seu parceiro. Não queria mais essa bobagem de “menino prodígio”.

Mas o que tínhamos agora era só mais do mesmo. Eu achava que estava pronto para me formar, e, em vez disso, Sandor decidiu me inscrever no curso de férias.

Há poucos minutos minha preocupação era ter tomado uma decisão errada que poderia alterar toda a minha vida. Agora, ouvindo Sandor me tratar como criança, sou obrigado a lembrar por que passei a noite toda acordado planejando a morte do mogadoriano. Mesmo com toda aquela conversa de incentivo e confiança, Sandor não me entende. Cheguei a me arrepender por ter posto em risco todo aquele lugar só para provar que estava pronto, mas, quanto mais via Sandor brincar com seus aparelhos e pedais, menos eu lamentava o que tinha feito.

– Podemos começar? – ele pergunta.

Balanço a cabeça em sentido afirmativo, mas não estou prestando atenção. Já cansei de brincar de lutar. Hoje de manhã senti o gostinho do que é uma luta de

verdade e, mesmo não tendo sido exatamente como eu esperava, ainda era melhor que aquilo. Inferno! Até uma escola de verdade, com humanos fracotes, deve ser mais emocionante.

Faço parte da Garde. Tenho um destino a cumprir, uma vida para começar a viver. Quantas sessões de treinamento idiotas vou ter que enfrentar até que Sandor me deixe começar a viver de verdade?

Um painel se abre na dianteira do Palanque e dispara três bilhas de aço a uma velocidade assustadora. Eu as desvio com a telecinesia. O truque é velho. Sandor dispara objetos contra mim o tempo todo desde que desenvolvi esse Legado.

Porém, antes mesmo que o primeiro trio chegue ao chão, mais dois painéis se abrem nas paredes à direita e à esquerda de onde estou, e dos dois lados surgem mais tiros. No meio do fogo cruzado, uso a telecinesia para derrubar os projéteis que chegam pelo lado esquerdo, e com um movimento instintivo do cajado descrevo um arco e rebato os outros.

– Bom! – grita Sandor. – Use todas as armas que tem.

Dou de ombros.

– É só isso?

Sandor dispara mais uma rajada de bilhas na minha direção. Dessa vez nem recorro à telecinesia. Uso o cajado para rebater duas delas e com um giro rápido me esquivo das outras.

– O que acha do cajado?

Giro a nova arma sem nenhum esforço, passando-a de uma das mãos para a outra. É um movimento natural, como se aquilo fosse parte de mim, uma parte que até então eu não sabia que estava faltando.

– Eu gosto.

– Em Lorien havia campeonatos com essas coisas. Eles chamavam de Justas. Seu pai foi campeão quando era jovem.

É raro Sandor mencionar a vida antes da invasão mogadoriana, mas, antes que eu possa fazer perguntas, uma parte da parede se destaca e me ataca como um aríete. É pesada demais para ser detida com a telecinesia, então jogo o corpo na direção dela e rolo por toda a sua extensão.

Caio de pé, apoiado no cajado, e sou recebido por um objeto flutuante e barulhento que Sandor deve ter feito usando um helicóptero de brinquedo e um motor de liquidificador. Antes que eu possa entender o que é aquilo, a coisa se

aproxima e me dá um choque que me joga para trás, por cima do aríete.

A descarga elétrica não é forte o bastante para machucar, mas provoca um formigamento que se espalha por minhas pernas e braços. Sandor ri, satisfeito por uma de suas criações ter marcado um ponto.

A risada dele me deixa zangado.

Eu me levanto com um salto e imediatamente mergulho para me desviar de outra rajada de projéteis. É quando o flutuador barulhento sai do alcance do meu cajado. Concentro nele minha telecinesia.

Atrás de mim, um pesado saco de pancadas pendurado por uma corrente se desprende do teto, me atingindo com o peso de um homem adulto. Fico sem ar e desmorono no chão.

Bato com o rosto no piso ao cair. Em vez de estrelas, vejo as gotas de sangue que escorrem do meu lábio cortado e formam uma poça no revestimento branco e reluzente. Limpo o rosto e começo a me levantar usando um dos joelhos como apoio.

Sandor me olha por detrás do painel, uma das sobrancelhas erguida numa expressão debochada.

– Chega?

Ainda enxergando tudo vermelho, rosno e avanço no flutuador. A coisa não é rápida o bastante e acaba espetada no meu cajado em meio a uma chuva de fagulhas.

Sacudo a arma para soltar o flutuador quebrado e olho para Sandor.

– Isso é tudo o que você tem?

# CAPÍTULO

## SEIS

O exercício na Sala de Aula dura duas horas. Duas horas de bilhas voando, flutuadores eletrificados feitos com peças de objetos variados e tudo mais que Sandor resolve atirar em mim. Em algum momento, minha mente se desliga e eu só reajo. Estou pingando suor, meus músculos doem, mas passar algum tempo sem pensar em nada é um alívio bem-vindo.

Quando tudo acaba, Sandor me dá um tapinha nas costas. Vou para o banho e fico embaixo do jato de água quente até meus dedos enrugarem.

Está escuro quando saio do meu banheiro. Sinto o cheiro do *delivery* de comida chinesa na cozinha, mas ainda não estou pronto para encontrar Sandor. Ele vai querer falar da sessão de treinamento, apontar o que eu poderia fazer diferente e melhor. E não vai mencionar a morte do mogadoriano esta manhã. Como todas as vezes que discutimos, o assunto será ignorado até nos acalmarmos e o esquecermos. Não quero retomar essa rotina, ainda não, por isso fico escondido no meu quarto.

As luzes do cômodo se acendem automaticamente, os sensores de movimento que detectaram minha presença. Se tivesse amigos, sei que morreriam de inveja do meu quarto. Tenho uma cama *king size* de frente para uma televisão de tela plana de 52 polegadas conectadas aos três melhores *video games* que existem. O som é incrível, estéreo, as caixas embutidas nas paredes. O laptop fica em cima da escrivaninha, ao lado da Beretta que Sandor me permite manter no quarto para o caso de uma emergência.

Vejo meu reflexo no espelho. Estou enrolado em uma toalha e dá para notar os arranhões e os hematomas no tronco e nos braços, cortesia do treinamento de hoje. Não é uma imagem bonita.

Apago as luzes e me aproximo das janelas que vão do chão ao teto. Encosto a testa no vidro frio e olho para baixo, para a cidade de Chicago. Da altura em que estou é até possível enxergar o vento chicoteando as luzes que piscam no topo dos prédios. O movimento lá embaixo não para – os carros passam e bolhas de pessoas do tamanho de formigas vão andando entre eles.

Hoje cometi uma imprudência porque acreditava que isso serviria para provar alguma coisa. Em vez disso, mergulhei ainda mais fundo na rotina de sempre. Sandor achou que estaria me recompensando com a sessão na Sala de Aula, mas, na verdade, foi apenas mais monotonia.

Desvio o olhar da massa humana lá embaixo e foco na superfície escura do Lago Michigan. Se voar for um dos meus Legados, vou simplesmente decolar, me mudar para um lugar onde não haja mogadorianos, nem Cêpans me dizendo o que fazer, nada exceto o céu e eu.

Mas não sei voar. Ainda não, pelo menos. Então, eu me visto e vou jantar com Sandor.



# CAPÍTULO

## SETE

Algumas noites depois, sonho com Lorien.

Sinto a energia me invadindo, percorrendo meu corpo, quase como nos exercícios na Sala de Aula, mas diferente. É uma sensação atordoante, como uma overdose de açúcar que não acaba. No sonho ainda sou criança, tão novo que não me lembro dessa época.

E, nossa, como estou correndo!

Corro pela mata, as pernas dando seu máximo. Duas criaturas que parecem lobos, mas têm enormes asas de falcão brotando das costas me perseguem, estão bem nos meus calcanhares. Os Chimæra. Meus Chimæra.

Tinha chovido e meus pés descalços faziam barulho na terra molhada. Chego a uma clareira recuada, coberta de um lodo branco e escorregadio. O Chimæra mais próximo toca meu calcanhar, eu caio de barriga e vou rolando pelo lodo, que gruda em minhas roupas e meu rosto.

O Chimæra está sobre mim, me imobilizando, e respiro fundo tentando recuperar o fôlego. Ele se abaixa e baba meu rosto com uma lambida.

Dou uma gargalhada, do tipo que não me lembro de já ter dado. O outro Chimæra joga a cabeça para trás e uiva.

Rolo por entre as patas do bicho e fico de pé. Invisto contra ele com um grito de guerra gutural que quase rasga meus pulmões. Passo os braços em torno de seu pescoço, enterro o rosto em seu pelo e tento jogar uma perna por cima de suas costas.

O outro Chimæra morde de leve o fundilho da minha calça e me puxa de volta para o chão lamacento.

Afundo os dedos na terra molhada e então arremesso duas bolas de lama contra os Chimæra, o barro se esparrama em seus focinhos. Eles uivam.

Com um salto, fico de pé e volto correndo por onde vínhamos. Os Chimæra me seguem enquanto disparo por entre as árvores. Posso não me lembrar de Lorien, mas o garotinho que sou no sonho conhece tudo muito bem. Eu simplesmente vou junto enquanto minha versão mais jovem atravessa descalço o capim na altura dos

joelhos, sabendo exatamente onde pisar e quando saltar para não tropeçar nas raízes.

Uma fogueira surge na minha frente. Sentado ali, um homem forte, de barba preta e cerrada, usa o fogo para preparar o jantar. As mangas arregaçadas da roupa deixam à mostra os antebraços musculosos. De algum jeito, reconheço aquele rosto. Meu avô.

Ao lado dele está um homem jovem que não reconheço de imediato. Está bem-vestido demais para o lugar. É Sandor. Acho que nunca parei para pensar no quanto ele devia ser jovem quando vivemos em Lorien.

Meu avô me vê chegar, vê o sorriso maldoso em meu rosto, e tem o bom senso de sair do caminho. Sandor não presta atenção, está olhando concentrado para uma espécie de comunicador. Provavelmente, está mandando alguma mensagem para uma garota da cidade, convidando-a para ver os fogos de artifício mais tarde. Certas coisas nunca mudam.

Eu o agarro na altura dos joelhos e o derrubo no chão sujo, encardindo sua roupa com a lama que estava em mim. Sandor grita e o aparelho cai de sua mão. Eu me sento em seu peito e cruzo os braços.

– Dominado – declaro.

– Ainda não, parceiro – responde Sandor, e seus olhos brilham.

Ele me segura pelas axilas e levanta, girando meu corpo.

Ao longe, vindo da direção da cidade, ouço um estrondo abafado.

Sem querer, meu avô derruba nosso jantar no fogo.

Acordo me sentindo ao mesmo tempo feliz e triste.

# CAPÍTULO

## OITO

Faz uma semana desde que estive pela última vez no lago e meu iMog não voltou a apitar.

Levanto-me quando o dia está nascendo e encontro Sandor já sentado à bancada da cozinha, segurando uma xícara de café. Isso é incomum. Meu Cêpan normalmente prefere dormir até o meio da manhã, e às vezes só acorda quando já voltei da corrida. Ele sempre foi uma criatura noturna, e depois que nos mudamos para Chicago isso só piorou. Sei que, às vezes, ele sai à noite e volta para casa cheirando a perfume e a bebida alcoólica. Não pergunto sobre essas saídas, da mesma forma que ele não me pergunta sobre minhas corridas. Acho que nós dois precisamos de alguns momentos de privacidade – embora, aparentemente, ele costume vigiar os meus, considerando o vídeo do outro dia.

Estudo seu rosto. As bolsas sob os olhos, a barba que esconde a cicatriz; tento encontrar alguma semelhança com o jovem que vi no sonho, mas aquela pessoa desapareceu. Nunca pensei no fato de que Sandor tinha uma vida antes de vir para cá. Não me lembrava de Lorien – ou, pelo menos, achava que não –, mas sei que Sandor lembra. E deve sentir saudades.

Fico imaginando se ele ainda me enxerga como uma ameaça pegajosa e lamacenta. Provavelmente, não.

Sandor percebe que estou com a roupa de corrida. Combinamos que seríamos discretos por algum tempo, mas não suporto passar nem mais um dia trancado em casa, passando meu tempo entre a Sala de Aula, os *video games* e os filmes de espionagem que já vi tantas vezes.

– Vai correr? – ele pergunta.

Resmungo um sim, agindo casualmente enquanto me sirvo de suco de laranja.

– Não acho que seja boa ideia.

Olho para ele.

– Do que você está falando?

– Preciso lembrar que na semana passada você trouxe para casa um mogadoriano que encontrou no lago? Talvez seja hora de mudar um pouco as

coisas.

Bato a porta do refrigerador com mais força do que pretendia, e nosso vasto sortimento de temperos e embalagens de comida pronta sacode lá dentro.

– Não vou passar o dia todo trancado aqui – declaro.

– Acha que eu também não estou cansado de olhar para essa sua cara azeda o tempo todo? – Sandor pergunta com uma das sobrancelhas erguida. – Pense bem... – Ele estende o braço por cima da bancada e me dá um cartão de plástico. – Trouxe isso para você.

É uma carteirinha de associado de um lugar chamado Windy City Wall. No canto inferior do cartão há uma foto do meu rosto sério ao lado do meu nome falso mais recente: Stanley Worthington.

– Achei que poderia ser bom você sair e conhecer pessoas que não sejam espiões mogadorianos. Ultimamente você tem parecido meio... – Ele para e coça a barba, sem saber como prosseguir.

– Obrigado – respondo, e vou para a porta antes que ele consiga concluir o pensamento, ansioso para escapar.

Nenhum de nós gosta de conversas emocionadas e francas. Prefiro manter isso assim.



O Windy City Wall é um enorme centro de recreação que fica a cerca de vinte minutos do John Hancock Center. Devo ter passado por ali uma centena de vezes, mas nunca pensei na hipótese de entrar. Lugares assim são para humanos. Além do mais, eu já tinha aparelhos demais para treinar em casa.

Depois de todos esses anos, por que Sandor escolheu me inscrever ali justamente agora? Devia ter esperado ele concluir o pensamento e me dizer como eu tenho “parecido” ultimamente.

Uma guia sorridente que está na mesa da recepção me leva para conhecer o lugar. Há quadras de basquete, uma piscina e um ginásio, que, fico surpreso por constatar, é tão bem-equipado quanto o nosso. Além de todos os aparelhos comuns nesses lugares, há também uma variedade de pistas de obstáculos, com redes e pneus velhos que simulam situações reais.

E também, é claro, tem a “parede”. É enorme, não é à toa que ela dá nome ao

centro (*wall*, em inglês, é parede). Ocupa uma lateral inteira do galpão e sobe cerca de doze metros, do piso ao teto. A rocha é falsa e, obviamente, não há o céu azul, mas ainda assim tem algo de majestoso naquela parede. Quando a garota que me guia termina de falar, sigo diretamente para ali e paro em uma das filas, atrás de um grupo de garotos que parecem pouco mais velhos que eu.

No alto, um garoto que calculo ter 17 anos está empacado no meio da parede, olhando em volta e procurando desesperadamente um ponto em que se segurar. Ele não encontra nenhum, e depois de alguns segundos despenca. A queda é amortecida pela corda de segurança e por um tapete acolchoado.

– É a primeira vez?

Olho por cima do ombro. Um garoto alto de cabelos claros e mais ou menos a minha idade está sorrindo para mim. Retribuo com um movimento de cabeça.

– É...

– Esta é a fila do pessoal avançado. Acho que você devia começar pelo mais fácil.

– Não, acho que não.

O garoto louro troca um olhar com outro, mais baixo, que está do seu lado. O mais baixo não parece forte como o amigo, mas é compacto, o que deve fazer dele melhor escalador.

– Precisa de um colete – diz o menor.

Dou uma risada. A ideia de cair daquela parede, depois do treinamento a que fui submetido, é ridícula. Sorrio para o menor, imaginando que ele esteja de brincadeira, apesar de ter notado que os dois vestem coletes.

– Eu não preciso.

– Ele é durão! – brinca o louro.

– Não, falando sério, é a regra – diz o outro. – Mesmo que você fosse *Sir Edmund Hillary*, ia ter que colocar o colete.

Olho para o garoto sem expressar reação. Nem imagino de quem ele está falando.

– Foi a primeira pessoa a escalar o Everest – explica o mais baixo.

– Ah – resmungo. – A montanha.

Os dois garotos dão risada.

– É, a montanha.

O mais baixo cutuca o alto com o cotovelo.



– Por que não arruma um colete para o novato?

O alto me olha de um jeito estranho, depois vai depressa até as prateleiras de equipamento. Percebo que essa é uma das conversas mais longas que já tive com garotos humanas. Gostaria de saber como estou me saindo.

– Meu nome é Mike – o mais baixo se apresenta enquanto aperta minha mão. – Meu amigo também é Mike.

– Todo mundo nessa cidade é Mike?

– Isso é engraçado – diz o Mike baixinho, mas não ri. – Qual é o seu nome?

– Stanley.

Não hesito. Digo o nome falso com naturalidade, como se fosse verdadeiro, exatamente como Sandor me ensinou.

O Mike alto volta e me entrega um colete. Eu o visto pela cabeça e os dois me ensinam como ajustar as alças.

– Então, Stanley... – continua o Mike baixinho, praticamente me interrogando.

– Onde você estuda?

– Em casa.

– Isso explica sua personalidade efervescente – comenta o Mike baixinho.

Acho que ele acabou de me ofender.

Antes de conseguir dar uma resposta, eu a vejo. Ela está na fila ao lado. Deve ter 16 ou 17 anos, tem cabelos lisos e pretos e olhos igualmente escuros. Tem porte atlético, diferentemente de algumas garotas magérrimas que vi correndo no lago. Ela é bonita e está me encarando. Há quanto tempo me observava? Será que ouviu toda a conversa com os Mikes?

Quando ela percebe que estou olhando, desvia o olhar apressada, e seu rosto fica vermelho. Não posso evitar, não consigo parar de olhar para ela. Depois de um tempo, ela me olha novamente e sorri, um sorriso nervoso e hesitante. A única reação que tenho é piscar.

O Mike alto balança a mão diante do meu rosto.

– O que foi? – disparo.

– É sua vez, parceiro.

Olho para a frente e vejo o instrutor batendo o dedo no relógio de pulso de um jeito sarcástico. Dou um passo adiante e ele prende os cabos de segurança no meu colete. Mal escuto o que ele diz sobre quais são os melhores apoios e onde devo me segurar, porque minha cabeça está ocupada demais tentando descobrir por que

aquela garota olhava tanto para mim. Instintivamente, tento ajeitar meu cabelo bagunçado. Não sei o que pensar. Na televisão, sempre toca uma música quando um cara faz contato visual com uma garota bonita. Eu mataria por uma trilha sonora nesse momento.

Será que ela gosta de garotos de outros planetas que sabem escalar paredes muito depressa?

Bem, acho que vou descobrir.

O instrutor sopra um apito e eu pulo na parede. No começo da escalada fico meio desajeitado. Devia ter prestado atenção quando ele falou sobre os apoios. Mesmo assim, encontro logo meu ritmo e começo a subir pela parede.

A garota está olhando? Sinto uma urgência quase incontrolável de verificar.

Olho para baixo. Ela está. Sua posição agora é exatamente ao lado dos dois Mikes, que a encaram ostensivamente. Ela os ignora e olha para mim. Não. É mais do que isso. Ela me estuda como se eu fosse o livro mais interessante do mundo.

De repente sinto as mãos suadas.

Isso não é bom.

Tarde demais, percebo que cheguei ao mesmo ponto complicado onde vi o primeiro escalador. Estou na metade da subida, mas não há nenhum apoio próximo o bastante para eu alcançar e continuar, e recuar está fora de questão.

Só consigo ver um apoio. Um humano não seria capaz de alcançá-lo. Porém, com minha força, eu provavelmente conseguiria. Teria que pular para chegar lá.

Flexiono as pernas com os pés firmes nos apoios, colocando todo o peso do corpo no quadril e nos joelhos, e então me projeto para o alto.

Toco o apoio, mas meus dedos suados escorregam.

Não consigo me segurar. Estou caindo. Não posso acreditar nisso, estou caindo. Fui derrotado por uma parede humana e por minhas mãos suadas.

O tapete amortece a queda. Não é meu corpo que está doendo, é meu ego. Fico deitado ali, não quero me levantar e encarar os olhares de todo mundo.

O olhar dela.

O Mike alto se aproxima.

– Parece que precisava do colete... – ele comenta sorrindo.

O Mike baixinho me ajuda a sair do tapete, dizendo que foi uma boa primeira tentativa. Eu nem estou ouvindo. Meus olhos varrem a sala procurando a garota.

Ela desapareceu.

# CAPÍTULO

## NOVE

Saio do Windy City Wall de cabeça baixa. Passei praticamente a vida toda no anonimato, mas nem quando estava fugindo de aliens assassinos eu quis tanto não ser notado. Sei que é ridículo – todo mundo deve cair daquela parede o tempo todo –, mas tenho certeza de que todos no ginásio estão rindo de mim secretamente.

Volto pelo caminho mais longo e passo direto pelo meu edifício. Continuo revendo a queda mentalmente. E me imagino da perspectiva dela: caindo, suado, esperneando inutilmente. Passo o dia todo atordoado e me censurando, e o sol já está descendo no horizonte quando finalmente decido ir para casa.

Quando entro no apartamento, Sandor está na sala de estar, reclinado em uma confortável poltrona de couro e com um livro de engenharia avançada que parece muito chato aberto em seu colo.

– Chegou bem na hora – ele diz quando entro, balançando o copo de martíni vazio.

Ele não percebe meus ombros caídos quando atravesso a sala até o bar todo equipado. Tiro o copo vazio da mão de Sandor usando a telecinesia. Depois, faço levitarem as garrafas de gim e vermute e misturo doses iguais das duas bebidas com gelo.

Sou capaz de preparar um coquetel com a força do pensamento, mas não consigo escalar uma droga de parede.

Quando termino o drinque, levo o copo para Sandor e me jogo no sofá ao lado da poltrona. Ele experimenta e faz um barulho com os lábios.

– Muito bom – diz. – Então, como foi?

– Tudo bem – resmungo.

– Só isso? Tudo bem? Você passou o dia todo fora.

Hesito antes de contar mais alguma coisa, mas preciso desabafar com alguém, e Sandor tem mais experiência que eu com os humanos – e com garotas.

– Caí da parede.

Sandor ri sem levantar os olhos do livro.

– Você? Sérioo?

– Não estava prestando atenção. Quer dizer, acho que me distraí.

– Da próxima vez você consegue – ele diz.

– Não vai ter próxima vez.

Fico em silêncio, um dos braços cobrindo meu rosto. Sandor deve ter percebido que estou escondendo os detalhes, porque finalmente ele fecha o livro e se inclina para a frente.

– O que aconteceu? – Sua voz agora soa mais baixa. – O iMog detectou alguma coisa?

– Não. – Faço uma pausa. – Foi uma garota.

– Ah... – ele responde, prolongando a exclamação.

Mesmo com o rosto coberto, sei que está sorrindo. Sandor esfrega as mãos.

– Ela era bonita?

– Era linda. – Confirmo e olho para o outro lado. – Eu caí porque ela... não sei. Ela estava meio... me observando...

– Analisando. Dando aquela olhada...

– Ah, cala a boca.

– Então, uma garota bonita o viu cair e agora você está constrangido.

Não tenho como voltar atrás.

Ouvindo ele colocar a situação dessa maneira, tudo parece meio infantil e bobo, como nas séries de televisão com mulheres muito maquiadas, que ficam fazendo cara de sedutoras para os homens. Mas é exatamente como ele disse.

Sandor põe a mão em meu ombro e o afaga rapidamente.

– Isso é só um pequeno contratempo, menino prodígio – opina. – Uma coisa eu posso afirmar com certeza: você não vai impressionar sua garota choramingando aqui dentro.

– Quem disse que quero impressionar?

Ele ri.

– Por favor. Quem não quer impressionar as mulheres bonitas? Nesse exato momento, na cabeça dela, você é só um cara que deu um passo maior do que a perna. Mas, se você não voltar, logo vai se transformar no covarde que certo dia ela viu cair da parede. É isso o que quer?

Não preciso nem pensar para responder.

– Vou voltar lá amanhã.

# CAPÍTULO

## DEZ

Na manhã seguinte acordo cedo outra vez, volto à Sala de Aula, desvio de projéteis e derrubo flutuadores com meu cajado de cano, mas minha cabeça está no Windy City Wall. Sandor não facilita para mim, mesmo sabendo que quero economizar minha energia para uma segunda chance de impressionar aquela garota.

– Preste atenção! – ele grita depois que um tentáculo mecânico me derruba.

Quando o treino acaba, tomo um banho demorado, ainda que só esteja me preparando para mais exercícios. Quero ficar legal. Passo até uma escova no cabelo embaraçado. Sandor está sempre me atormentando para eu cortá-los, dizendo que pareço uma menina, me recomendando todo tipo de produto para fixação. Nunca dei atenção a suas dicas de estética não solicitadas.

Porém, agora que estou olhando para o espelho embaçado do banheiro, eu me arrependendo de não tê-lo escutado. Pareço um homem das cavernas. Mas agora é tarde demais para fazer alguma coisa a respeito do meu cabelo. Além do mais, imagino que chegar lá com um corte novo e todo penteado com pomada – ou seja lá que o que for – vá parecer meio desesperado.

– Boa sorte – diz Sandor com ar experiente quando me dirijo ao elevador.

Borboletas se atropelam dentro do meu estômago quando corro até o centro de recreação. Passo pela porta e vou direto para as prateleiras de equipamentos de segurança, pego um colete e sigo confiante até a fila dos praticantes avançados. Olho em volta casualmente procurando pela garota.

Ela não está lá. Na verdade, o lugar está quase vazio.

Ah! É dia de aula. Sempre esqueço que os humanos têm horários muito diferentes dos meus.

Um pessoal com idade para estar na faculdade está usando a parede, despertando olhares de inveja dos homens mais velhos e molengas que, provavelmente, estão ali passando o tempo em sua hora de almoço. Junto-me a eles. Vou aproveitar para treinar um pouco.

Passo uma hora explorando a parede. Dessa vez ouço com atenção o que o instrutor diz, especialmente quando ele fala sobre onde estão os melhores pontos

de apoio. No final, tinha conseguido escalar a parede meia dúzia de vezes sem cair. De acordo com o instrutor, se eu reduzisse meu tempo em alguns segundos poderia bater o recorde do lugar. Não digo a ele que não dei tudo de mim, que com minha força e minha velocidade de lorião eu poderia facilmente quebrar todos os recordes.

Estou guardando meu melhor desempenho para quando a garota aparecer.

Ainda falta uma hora para o término do horário escolar. Achei que seria meio estranho se eu já estivesse ali quando os outros chegassem e resolvi que queria poder fazer uma entrada impressionante. Eu me imagino caminhando confiantemente até a fila, ignorando as provocações dos Mikes e, depois, escalando a parede em tempo recorde. Enquanto os Mikes ficam ocupados tentando pegar seus queixos, que caíram, eu me aproximo da menina e vejo aquele sorriso encantador que me convida a falar com ela. E então...

Bem, ainda não planejei direito essa parte, da “conversa”.

Compro uma garrafa de água em uma máquina e saio do galpão. Há um pequeno parque do outro lado da rua, em frente ao centro de recreação, e vou até um banco me sentar – o lugar perfeito para ficar espiando. Estou confortável no ar fresco e tenho uma boa visão da entrada do Windy City Wall. Vou ficar ali escondido até o pessoal sair da escola, e então será a hora da minha redenção.

Pensar em espionagem me faz dar uma olhada no iMog. Um ponto vermelho e macabro aparecendo ali perto é tudo de que não preciso no momento. Felizmente, a área está limpa.

Passo a hora seguinte tentando pensar em algum jeito de puxar conversa. Todos os caras nos filmes e na tevê sabem a coisa certa a dizer quando se aproximam de uma garota. Devia ter pedido uma sugestão a Sandor antes de sair. Ele provavelmente tem livros inteiros de frases de efeito para começar um papo.

Quando vejo os dois Mikes, ainda não pensei em nada muito bom. Não consigo sair dos trocadilhos com escalada, mas todos parecem grosseiros, como se eu quisesse subir nela.

– Tem alguém sentado aqui? – pergunta uma voz feminina, interrompendo a conversa que tento começar mentalmente.

Distraído, aponto o lugar vazio a meu lado no banco.

A próxima parede que quero escalar é a que cerca seu coração. Que tal isso? Totalmente péssimo.

– Oi – diz a garota, já sentada.

E é aí que percebo que não tem uma garota qualquer sentada a centímetros de mim no banco, mas sim *a* garota. O rosto dela está rosado por causa do ar frio de final de primavera, os cabelos pretos dançam ao sopro da brisa suave. Ela sorri para mim. É tão linda, que de repente sinto vontade de vomitar. Não era esse o plano.

– Meu nome é Maddy – ela diz e estende a mão.

Fico olhando para ela sem saber o que fazer.

Não consigo pensar em nada para falar.

Maddy me olha intrigada.

– Desculpe, não queria interromper seu... ah... resmungo.

Eu estava resmungando? Devo ter parecido um maluco. Tento me recompor.

– Não, não está interrompendo. Eu só estava pensando.

– Ah – ela responde, e me olha com expectativa.

Percebo que a mão dela continua ali, estendida entre nós, esperando que eu a aperte, e é o que faço, meio afobado.

– O meu é Stanley.

– É um prazer conhecer você, Stanley.

Engulo em seco. Esse encontro foge completamente ao planejado. Ela não deveria me ver novamente até eu ter derrotado a parede e recuperado meu orgulho.

Faço um gesto sem muito entusiasmo apontando o centro de recreação, tentando desesperadamente criar o cenário que pouco antes estava imaginando.

– Eu ia escalar. Quer ir ver?

– Ver? – ela pergunta levantando uma sobrancelha. – Talvez a gente possa apostar corrida, se aceitar o desafio. – Provoca.

Lembro a humilhação do dia anterior e, de repente, não sei o que dizer. Felizmente ela me salva.

– Quer dizer, na verdade eu não posso ficar. Só parei porque vi você aqui sentado, sozinho, e pensei em dar um “oi”.

– Ah – respondo de um jeito tolo. – Oi.

– Oi – ela repete.

Segue-se um silêncio constrangedor, quase como se Maddy também estivesse nervosa. O olhar dela se desvia do meu e a boca se mexe, como se ela tentasse encontrar alguma coisa para dizer. Fico pensando se ela também ensaia suas

conversas mentalmente.

Quando volta a falar, as palavras são uma enxurrada de energia e nervosismo.

– Ontem vi você no centro e notei que também não estava com ninguém, o que é completamente legal para quem gosta de fazer as coisas sozinho, mas sou nova por aqui e tem sido meio difícil conhecer as pessoas, então pensei se não podíamos, bem... nos unir contra a solidão.

Olho para ela e pisco. Não consigo acreditar na minha sorte.

– Desculpe – Maddy continua, revirando os olhos. – Normalmente não sou assim tão idiota.

– Você não é idiota – respondo.

– O.k., enganei você. – Ela ri com nervosismo. – Isso mesmo, cale a boca, Maddy. Aqui... – Ela abre a bolsa e pega um pedaço de papel com seu nome e número de telefone. – Se não assustei você, ligue para mim – diz, levantando-se do banco antes que meu cérebro idiota consiga formular uma resposta.



# CAPÍTULO

## ONZE

Venta forte no topo do edifício John Hancock, o que desestabiliza por um momento o flutuador que está sobre mim e Sandor. Estamos testando sua nova invenção, uma carcaça de torradeira com asas de aço que saem de onde deveriam estar as frestas para as fatias de pão. De luvas, passo os dedos pelos controles do planador, corrigindo seu curso por causa vento. O pequeno motor responde com um zumbido agudo. Sempre testamos as novas criações de Sandor, conscientes de que um dia elas podem ser nossas únicas aliadas contra uma horda de mogadorianos. Enquanto isso não acontece, é bem provável que eu acabe abatendo essa nova engenhoca estridente na Sala de Aula.

– Então – diz Sandor –, quanto tempo faz que está com o número do telefone dela?

Mantenho os olhos no planador.

– Cinco dias – respondo.

– Os humanos têm uma regra sobre ligar para as garotas – resmungo Sandor. – Alguma coisa sobre esperar três dias, a menos que você queira parecer desesperado.

Eu resmungo.

– A esta altura você está livre disso – ele conclui. – O que está esperando?

– Ligar para quê? – pergunto, tentando não soar tão azedo quanto me sinto.

Acho que não consigo disfarçar.

Desde o encontro com Maddy no parque, tenho feito pouco além de treinar e pensar nela. Só conversamos por alguns minutos, mas posso dizer que ela é solitária como eu. Maddy é nova em Chicago e, embora eu esteja na cidade há cinco anos, pela vida social que tenho eu poderia muito bem ter acabado de chegar, como ela. Confesso, já imaginei uma vida social que fosse mais do que brincar de robôs com meu Cêpan, mas nem sonhava que uma menina linda apareceria, muito menos que se interessaria por mim.

Agora que está acontecendo, o que posso fazer? Maddy não tem cicatrizes no tornozelo. Não foi recrutada para uma guerra intergaláctica. Vai acabar fazendo

amigos na cidade, indo para a faculdade, levando uma vida normal. Eu? Eu tenho que acertar contas com uma raça de monstros beligerantes pelo genocídio de meu povo. É bom pensar em escapar de tudo isso, sonhar com uma namorada, em sair com ela. Mas um dia o sonho vai acabar e eu vou para a guerra. Como se aproximar de um humano se encaixaria em tudo isso? Ter uma namorada, então...

Não se encaixa.

Percebendo que estou distraído, Sandor tira o controle de minhas mãos e traz o planador de volta. Ele apoia a mão nas minhas costas e caminhamos juntos até a beirada, de onde olhamos para a cidade lá embaixo.

– Você não pode deixar de ser de quem é – ele começa.

– Eu sei – respondo, querendo abreviar qualquer tipo de conversa irritante que ele tenha em mente.

Não sei o que deu nele ultimamente.

– Escute – Sandor continua. – O fato de ter um destino não significa que também não tem uma vida para viver.

– Não é o que parece.

Ele suspira.

– Talvez eu tenha errado mantendo você tão isolado. Peço desculpas, se for isso. Acho que esqueci como é ser jovem.

Sandor esfrega a barba, procurando as palavras.

– Fiz algumas... é... amizades desde que chegamos à Terra.

– Amizades. – Eu bufo. – É assim que chama aquelas garotas?

– Tanto faz – Sandor responde e dá uma tossidinha nervosa antes de me cutucar com o cotovelo. – Só estou dizendo que os humanos podem ser uma boa distração.

– Não preciso de *distração* – digo com sarcasmo e bato com o pé no planador. – Tenho *video games*. E robôs de brinquedo.

– Não é esse o ponto – continua Sandor. – Distração é a palavra errada. Eles podem ser um lembrete, também. Um lembrete do que estamos fazendo, de por que estamos aqui e lutamos, de que tudo isso tem algum valor. Podemos ter nossa vida, Nove. Quando vencermos essa guerra, e vamos vencer, você vai poder ser Stanley pra valer, de verdade. Ou outra pessoa. Vai poder ser quem quiser.

Meus olhos percorrem a cidade. Lá embaixo, em algum lugar, estão os mogadorianos. Mesmo que aquele que estava no lago fosse o único em Chicago, há outros. E eles estão me caçando.

– Você não pode deixar de ser quem é, mas também precisa ter em mente quem poderia ter sido. O porquê de estar lutando.

Lá embaixo, também em algum lugar da cidade, provavelmente fazendo o dever de casa no apartamento dos pais, está Maddy. Prefiro pensar nela a pensar nos mogadorianos.

– Telefone para ela – diz Sandor. – Seja Stanley, mesmo que só por pouco tempo.

Olho para ele e vejo quanto está se esforçando para se aproximar de mim, me convencer. E quero acreditar nele.

– Obrigado, Sandor.

Ele bate nas minhas costas com força.

– Só não estrague tudo.

Mais tarde, estou sentado na minha cama com a porta fechada, segurando o telefone. Dessa vez não me dou o trabalho de ensaiar – não depois de isso ter funcionado tão mal. Apenas respiro fundo e digito o número de Maddy.

Ela atende no primeiro toque.

– Oi – digo, testando as palavras. – É o Stanley.

Ouçõ um suspiro aliviado do outro lado. Talvez ela também tenha ficado pensando nesse momento, torcendo que eu ligasse.

– Estava começando a achar que você não ia ligar – diz.

Quase posso ouvir o sorriso na voz dela, e me sinto melhor instantaneamente.

# CAPÍTULO

## DOZE

Maddy escolhe o planetário para o que Sandor começou a chamar irritantemente de nosso “primeiro encontro”.

Tento diminuir a importância da situação, explico que Maddy e eu só vamos sair juntos, mas meu Cêpan percebe que estou agitado e isso só o incentiva a continuar com a provocação. Os dois dias que antecedem o encontro são preenchidos por partes iguais de treinamento e conselhos não solicitados sobre garotas.

– Diga que ela é bonita.

Uso a telecinesia para impedir que uma bolsa pesada tombe sobre mim.

– Faça perguntas sobre ela.

Abaixo para me esquivar de uma saraivada de projéteis.

– Trate de parecer interessado no que ela diz, mesmo que não esteja.

Giro o corpo para escapar de um planador e o acerto com um golpe de *backhand* do cajado.

– Está me ouvindo?

Limpo o suor do rosto e olho para Sandor.

– Na verdade, não.

– Muito bom. – Ele bate palmas uma vez e isso desliga a Sala de Aula. – Então você está pronto.



Maddy está me esperando em frente ao planetário. Seu sorriso é contido e nervoso quando me aproximo. Está vestida com um pulôver leve e calça jeans, o que me deixa feliz por não ter seguido o conselho de Sandor e me vestido com se fôssemos à ópera ou coisa assim. Em vez disso, preferi o moletom com capuz e os jeans de sempre.

– Espero que não ache esse programa muito nerd – ela diz enquanto compramos os ingressos.

– Não, de jeito nenhum.

Nerd não é a palavra que eu escolheria. Irônico, talvez? Não posso explicar a ela quanto eu acho estranha a compreensão que os humanos têm do cosmo que conhecem. Queria saber se outros aliens disfarçados tiveram seu primeiro encontro no planetário. Duvido.

– Meu pai costumava me levar ao planetário o tempo todo quando eu era criança. Passei a gostar.

Ocupamos nossos assentos no auditório com teto abobadado e esperamos pelo começo do espetáculo. Enquanto isso ela me conta mais sobre sua família. O pai é um astrônomo renomado, a mãe é professora de filosofia. Eles se mudaram para Chicago para a mãe assumir um cargo na universidade, mas a família ainda viaja frequentemente, porque o pai é bastante solicitado no circuito das palestras acadêmicas. Maddy fala deles com a voz triste, como se nunca estivessem por perto. Minha situação é muito diferente da dela, mas, de algum jeito, sinto-me como se soubesse exatamente o que ela passa.

– Sinto falta deles – ela confessa, e gesticula como se quisesse se desculpar. – Quer dizer, eles não foram embora para sempre, mas parece que raramente os vejo desde que nos mudamos para cá.

– Não é estranho ficar sozinha?

Ela dá de ombros.

– Pode ser legal. Ninguém briga comigo por ficar acordada até tarde no meio da semana. – Então me olha com uma expressão bem-humorada. – Ninguém se incomoda se chamo garotos estranhos para vir ao planetário.

Dou uma risada, mas também me pergunto se ela pensa mesmo que sou estranho. Espero que não. Acho que estou fazendo um bom trabalho sendo só o Stanley.

– Ai, estou falando sem parar... Despejei toda essa história e não sei nada sobre você.

Fico desapontado por ela ter parado de falar. Diferentemente do que Sandor pensava, não precisei fingir interesse. Mas agora vem a parte em que preciso mentir para ela.

– O que quer saber?

Maddy pensa um pouco. À nossa volta, outras pessoas ocupam seus assentos. Percebo que nossos ombros estão se tocando e que estamos dividindo o braço da cadeira.

– Vamos começar por qual escola onde você estuda.

Sorrio, constrangido.

– Eu estudo em casa.

Ela olha para mim de um jeito que me faz pensar que eu teria provocado a mesma reação se dissesse que era um alien do planeta Lorien. Lembro como os Mikes me olharam no centro de recreação, como se eu fosse um antissocial esquisito. Podia ter inventado uma história, acho, mas me sinto melhor sendo honesto com ela.

–Ah – ela diz levantando uma das sobrancelhas e com um sorriso debochado. – Você parecia tão normal!

– Na verdade, não é assim tão estranho – respondo. – Meu tio, bem, ele deixa tudo bem interessante. Pensando bem, sim, talvez seja um pouco estranho. Ele não é exatamente o que se poderia chamar de normal.

– Você mora com ele?

– Moro.

– Onde estão seus pais?

Eu devia ter uma mentira convincente já preparada para responder a essa pergunta. Sandor e eu costumávamos inventar uma história quando estávamos sempre nos mudando, mas isso faz muito tempo. Sandor dizia às pessoas que era meu tio, e que estava me levando em uma viagem pelo mundo ou coisa assim, para meus pais poderem ter uma segunda lua de mel, ou que eles se juntariam a nós em algum momento. Às vezes Sandor chegava perto da verdade e contava à simpática garçonete que servia nosso jantar que ele me criava, porque meus pais haviam morrido em um acidente. Normalmente, essa história rendia uma porção de sobremesa maior do que o normal. Quero que esse Stanley que Maddy está conhecendo seja o mais parecido possível com meu verdadeiro eu.

– Eles morreram quando eu era pequeno – digo. – Não os conheci bem.

– Ah... – Fica evidente que ela não sabe o que dizer.

Felizmente, as luzes se apagam antes que a conversa se torne mais deprimente. Reclinamos os assentos quando a Via Láctea ganha vida sobre nós.

Uma gravação começa a descrever a origem do cosmos e segue determinando a posição dos planetas em relação à Terra. Não estou ouvindo. Estou reclinando na penumbra com Maddy ao meu lado e meu cérebro não é capaz de processar muito mais do que isso. Quero lembrar esses detalhes. O cabelo dela tem cheiro de

baunilha, ou coco, ou alguma outra coisa feminina. Seja o que for, é delicioso. Concentro-me no braço da cadeira, onde nossos ombros se encontram, imaginando que cada mudança de posição dela é uma mensagem cifrada para mim.

Eu a olho. Maddy percebe e sorri, o rosto banhado pelo branco e pelo azul-claro da apresentação iluminada lá em cima. Eu poderia passar o restante daquela palestra tediosa só olhando para ela, se isso não fosse fazê-la pensar que sou maluco. Em vez de olhar, então, ignoro a trilha sonora do planetário e fico ouvindo os ruídos da Maddy. Sua respiração é lenta e regular, mas, com minha audição privilegiada, percebo que seu coração está batendo depressa.

Ah, espere. Talvez seja o meu coração.

Fecho os olhos e fico assim o restante do tempo. Quando termina, o planetário continua mergulhado na penumbra, as estrelas ainda em exibição. As pessoas começam a sair, mas nós ficamos sentados. No final, somos só nós dois e as estrelas.

Maddy se inclina para perto de mim e começa a sussurrar, apesar de estarmos sozinhos. Ela fala sobre as constelações que não foram mencionadas na gravação, guiando meus olhos do Cinturão de Órion até Aquário. Ri baixinho e me corrige quando confundo a cauda de Peixes com uma perna de Pégaso. Já sei tudo o que está me dizendo, mas fica muito mais interessante quando ela narra.

E em algum momento, sem sequer perceber o que estou fazendo, seguro a mão dela.

É só um momento. A mão é morna e um pouco úmida. Maddy rapidamente escapa e se levanta.

– Desculpe – começo, percebendo que ultrapassei um limite. – Quer dizer, eu não tive a intenção...

– Tudo bem – ela me interrompe balançando a cabeça, aparentemente agitada, mas não aborrecida, nem assustada. – Vamos, você vai caminhar comigo até em casa.

# CAPÍTULO

## TREZE

Sandor não está quando chego, o que me permite duas horas sozinho para rever mentalmente várias vezes o que comecei a chamar de “o incidente das mãos dadas”. Acho que não pensei tanto em algo nem quando matei aquele mogadoriano. Será que entendi errado o interesse de Maddy? Quando Sandor chega em casa com uma embalagem engordurada de comida, ele nem me pergunta sobre o encontro. Em vez disso, quer falar sobre seu dia andando pela cidade.

– Dirigi pela cidade toda segurando esta coisa – conta, mostrando uma versão superaprimorada do meu iMog. – Nada. Nem um sinal. Se aquele mog tinha amigos o procurando, eles desistiram. Acho que estamos seguros.

– Que bom – respondo distraído.

– Esconder-se onde todos podem ver – ele diz satisfeito, levantando o copo do drink que acabou de preparar como se propusesse um brinde.

Começamos a comer os hambúrgueres e ele finalmente se lembra de perguntar sobre Maddy. Conto tudo, não omito nenhum detalhe e até tento recriar a linguagem corporal dela. Pela primeira vez desde que chegamos a Chicago sinto que as orientações do meu Cêpan podem me ser úteis.

– Hum... – ele responde quando termino meu relato.

– *Hum?* Só isso?

Ele encolhe os ombros.

– As mulheres são criaturas misteriosas.

Enquanto fala, ele me olha de um jeito estranho, meio apreensivo, meio desconfiado, como se eu fosse um animal esquisito que pudesse mordê-lo.

– O que foi? – pergunto.

– Não consigo lembrar a última vez em que você falou tanto. Isso é bom.

Faço um gesto de desdém.

– Você não está ajudando.

Nesse momento, o bolso de trás da minha calça vibra.

Imediatamente, meu coração vai parar na garganta. Meu iMog está dando um sinal. Praticamente arranco o aparelho do bolso e olho logo para a tela.



Mas não tem nada nela. Só o ponto branco e solitário no centro.

Foi o celular, percebo. O aparelho que vibrou foi o celular. Carrego o telefone por força do hábito; ele raramente vibra, a menos que Sandor queira me pedir para levar pão na volta para casa depois da corrida.

O sinal de nova mensagem está piscando.

– É ela – anuncio, nervoso demais até para abrir a mensagem.

– O que ela quer?

– “Hoje foi divertido.” – Eu leio. – “Na próxima, você escolhe o lugar.”

Sandor assobia e levanta a mão do outro lado da mesa, esperando que eu bata nela. Maddy também gostou do encontro. E se ela se divertiu, então eu não estraguei tudo quando peguei sua mão. Não tenho muito tempo para saborear essas constatações, porque sou tomado por uma nova onda de ansiedade.

Ela quer que eu planeje outro encontro.

– Qual é o problema? – Sandor pergunta, percebendo a tensão em meu rosto.

– Não faço ideia de onde levar uma garota.

Ele sufoca o riso. Ficamos sentados em silêncio, pensando.

– Posso levá-la ao Windy City Wall – sugiro. – Agora, com certeza termino aquela parede.

Sandor faz careta.

– Quer gastar uma saída escalando uma parede, em vez de conversar com ela?

Ele tem razão.

– Sabe – Sandor continua –, se quer mesmo impressioná-la, eu tenho uma ideia.

# CAPÍTULO

## QUATORZE

Marco com Maddy no fim de semana seguinte, o que transforma os dias da semana em um oceano de ansiedade sem fim. Estou nervoso, elétrico, mas não é o tipo de energia que posso canalizar para os treinos com Sandor. Os planadores me acertam mais vezes do que deveriam, porque estou distraído pensando no que vou vestir e nas conversas que teremos. Dá para perceber que Sandor está aborrecido enquanto desliga o equipamento na Sala de Aula.

– Acha que os mogadorianos se sensibilizar porque você está com a cabeça em uma garota? – ele dispara.

Faço que não, chateado, porque sei que ele está certo.

Mais tarde, Sandor me chama na oficina. Ele está com os pés apoiados na mesa, amarrotando uma pilha antiga de plantas baixas. Seus olhos parecem distantes, e por um segundo penso que estou interrompendo algum agradável devaneio. Ele olha para mim com um sorriso melancólico.

– Sabe, eu não era muito mais velho do que você é agora quando fui designado como seu Cêpan – diz. – Era novo demais, considerando a idade em que um Cêpan normalmente era designado a um Garde. Mas eu era bom. Havia ajudado os engenheiros, muito mais velhos e mais experientes, em alguns projetos de tecnologia. Acho que quiseram me pôr em ação o quanto antes.

Eu esperava um sermão. Já estava acostumado. Sandor irritado era uma entidade familiar. Por outro lado, um Sandor nostálgico era algo com que eu não sabia como lidar. É tão raro ele falar sobre Lorien, que fico com receio de interromper.

– Gostei de pensar que estava preparado – ele prossegue. – Foi uma grande honra, certamente. Ainda que você desse muito trabalho. – Sandor pisca para mim, e não consigo conter um sorriso. – Ligar-se a um Garde é uma responsabilidade de tempo integral. Por mais que eu quisesse estar preparado, também tinha outros planos. Eu tinha uma namorada. As coisas estavam ficando sérias, sabe? E eu me esforçava muito para equilibrar tudo isso.

– O que aconteceu? – digo, antes de me dar conta de que quão idiota era a

pergunta.

A expressão de Sandor fica sombria, mas ele rapidamente disfarça.

– Você sabe o que aconteceu. – Ele senta direito na cadeira e arranca uma folha de um bloco de anotações. Em seguida me entrega o papel, nas linhas, sua caligrafia precisa. É uma lista de compras. – Já que não está sendo de grande utilidade na Sala de Aula, pode muito bem ocupar seu tempo com alguma coisa produtiva – diz, o Sandor severo voltando à tona.

Pego a lista e me viro para a porta. Sandor me detém.

– Jamais encontrei o equilíbrio – ele diz. – Talvez você consiga. Enquanto isso não acontece, não esqueça quais são suas verdadeiras responsabilidades. Certo, cara?



Não é a primeira vez que saio para fazer compras para Sandor. Não é comida que ele me manda buscar; isso seria fácil demais. Estou atrás de peças. É claro que poderíamos encomendar pela internet tudo de que Sandor precisa para criar seus equipamentos, mas acho que ele gosta do desafio de reunir um monte de tranqueira terráquea que não funciona e transformá-la em algo novamente útil. Ele já tentou me envolver em seus projetos, mas nunca deu certo. Gosto mais de destruir suas invenções que de ajudar a construí-las.

Passo a tarde visitando casas de penhor e bazares de artigos de segunda mão no centro da cidade. Encontro algumas coisas que estão na lista de Sandor – um velho tocador de CD e um fatiador elétrico de legumes, com lâminas curvas, que receio ver voando na minha direção na Sala de Aula. Também pego alguns itens que sei que ele sempre precisa, uma placa de circuito queimada aqui, um cabo ali.

Quando já estou na última loja da minha rota tenho a desconfortável sensação de estar sendo observado.

Instintivamente, dou uma olhada discreta no iMog. Nenhum sinal de perigo por perto. Quando estou guardando o aparelho no bolso, eu a vejo. Dois corredores adiante, ao lado de uma arara de camisetas *vintage*. Maddy está lá.

No início acho que estou vendo coisas. Tenho pensado tanto nela, que comecei a ter alucinações. Mas Maddy levanta a mão e dá um aceno tímido, e eu praticamente corro até ela.

– Oi – digo, tentando não parecer animado demais, provavelmente sem conseguir. – O que está fazendo aqui?

– Oi – ela responde, olhando em volta como se estivesse tão surpresa por estar ali quanto eu fiquei por vê-la. – Estou, ah... Seguindo você.

Agora eu sorrio como um idiota.

– Sério?

– Não! – Ela revira os olhos. – Meu pai gosta de telescópios antigos e coisas assim. Então estou dando uma olhada por aí...

– Ah – respondo, desanimado. – Tive esperança de que você estivesse me seguindo mesmo...

Maddy olha para as minhas sacolas das outras lojas, todas com compras de formato estranho.

– O que é isso tudo?

– São para um projeto científico. – Improviso, pensando depressa.

– Você não estuda em casa?

Encolho os ombros.

– Meu tio é esquisito.

Juntos, percorremos os corredores da loja. Maddy pega em uma arara um conjunto marrom, bem anos 70, de calça e jaqueta masculinas e levanta o cabide para eu ver.

– Acho que você deve usar algo assim no nosso próximo encontro – ela diz, inclinando a cabeça como se tentasse me imaginar dentro da roupa.

Sandor provavelmente queimaria aquelas peças se eu ousasse profanar a cobertura levando-as para lá.

– Se eu aparecesse vestido assim você nem sairia de casa.

– Provavelmente não. Aqui, pegue – ela diz.

Eu seguro o cabide com a mão que estava livre e, antes que perceba o que ela vai fazer, Maddy pega o celular e tira uma foto. Ela ri olhando minha cara assustada no topo da roupa mais horrível que já vi.

– Perfeito! – diz. – Vai ser meu novo papel de parede.

– Agora você me convenceu, vou ter que comprar esta roupa.

Quando vou olhar o preço na etiqueta, fingindo interesse, uma traça sai voando da manga da jaqueta. Largoo o cabide, como se tivesse achado aquilo nojento demais, e Maddy começa a rir. Saímos da loja depressa, sob o olhar do senhor de

idade que está no caixa.

– Espero não estar com pulgas – comento quando chegamos à calçada.

– Na verdade, acho que estou vendo uma – ela responde.

E se aproxima, me inspecionando, depois me dá um beijo apressado no rosto.

Maddy recua e ri, dessa vez da minha cara de idiota, com certeza.

– Vejo você no sábado, Stanley – ela diz, descontraída, e acrescenta. – Tome um banho.

# CAPÍTULO

## QUINZE

A grande noite chegou.

Sandor e eu estamos na garagem no subsolo do John Hancock. Perfilados diante de nós, cada um deles protegido por um forro, estão os carros de fuga da coleção de Sandor.

Francamente, nunca achei que precisássemos de mais de um automóvel. Sandor, porém, passou a colecioná-los depois que chegamos a Chicago, equipando todos eles com vários de seus aparelhos. Acho que Cêpans também precisam de hobbies. A sorte dele é que ser Cêpan garante recursos financeiros ilimitados; odeio pensar em Sandor dirigindo uma lata velha.

Ele levanta o forro de um reluzente conversível vermelho-escuro e desliza a mão com carinho pelo capô. Depois me olha mortalmente sério.

– Por favor, não quero me arrepender disso.

Sorriso para ele com ironia, ansioso por me sentar ao volante.

– Esse sorriso não inspira muita confiança...

Mesmo assim, Sandor abre a porta do motorista e eu entro no carro. Ele se debruça na janela quando estou ajustando o banco e os espelhos.

– Qual é a velocidade permitida? – pergunta.

– O limite menos quilômetros por hora, sempre – recito. Tivemos essa conversa a semana toda, desde quando Sandor sugeriu que eu pegasse um dos carros. – Usar a seta sempre, nunca seguir no amarelo, não levantar a capota. Entendi.

– Acho bom – responde Sandor, mais paternal que nunca.

Ele parece um pouco ansioso por eu estar segurando o volante e tamborilando com os dedos com evidente animação, mas se afasta do carro.

– Divirta-se – diz.

Saio da garagem dirigindo com cautela. Sandor, que me observa e coça a barba com nervosismo, logo desaparece do retrovisor.

Quando estou a alguns quarteirões do edifício John Hancock, aperto o botão para abrir a capota. O que Sandor não sabe não vai incomodá-lo.

Pego Maddy no parque em frente ao centro de recreação. O conversível anda como em um sonho e vou encontrá-la seguindo todas as regras impostas por Sandor. Exceto, é claro, a da capota. O ar fresco da noite me envolve, e me sinto energizado.

Nunca me senti tão livre.

Maddy está sentada no banco quando eu chego, e olha duas vezes ao me ver atrás do volante. Aceno para ela.

– Quer dar uma volta? – pergunto.

– Ah, uau... É seu?

– Do meu tio – respondo, dando de ombros como se o carro não fosse importante. – Ele me empresta.

Maddy olha para os dois lados da rua, um pouco apreensiva.

– Você dirige bem? Posso confiar?

Tudo bem, *tecnicamente*, não tenho carteira de motorista. Mas tenho uma falsificação muito convincente que Sandor fez na oficina. E também tenho muita experiência ao volante. Na nossa fase nômade, Sandor começou a me ensinar a dirigir assim que meus pés alcançaram os pedais, basicamente para ter ajuda quando estivesse cansado.

– É claro que sim – respondi.

Por um momento ficamos nos encarando, ela testando bem-humorada quanto eu era confiável e eu fazendo de tudo para parecer inocente. Então não consigo evitar um sorriso endiabrado.

– Aha! – ela exclama apontando. – O sorriso de um demônio da velocidade.

Antes que eu possa me defender, Maddy salta por cima da porta do passageiro e cai no banco ao meu lado. Ela olha para mim e sorri.

– Sempre quis fazer isso.

Não consigo desviar meus olhos dela. Nesse momento, Maddy está mais linda que nunca. Vejo como ela prende os cabelos num rabo de cavalo, para não embaraçarem ao vento. Imediatamente me vejo dirigindo para sempre, saindo de Chicago; não importa para onde, desde que Maddy vá comigo. Mas alguma coisa me incomoda, uma sensação que não consigo identificar, algo errado no que, do contrário, seria um momento perfeito.

Ignoro esse sentimento.

– Pronta? – pergunto.

– Pronta – ela diz.

O carro anda e não desvio meus olhos dela.

E bato na traseira de uma van estacionada em fila dupla. Definitivamente, ela não estava ali minutos antes.

– Uff – Maddy geme quando somos jogados para frente.

– Tudo bem? – pergunto, notando que minhas mãos tremem incontrolavelmente no volante.

Estou apavorado com a possibilidade de ela estar machucada, e mortificado por ter agido como um total idiota.

– Eu... acho que sim... – gagueja Maddy.

À nossa frente, as portas da van se abrem e três homens saltam do automóvel. Estão todos de preto, com chapéu Fedora afundado na cabeça, cobrindo os rostos pálidos.

Só então percebo que, no bolso da calça, meu iMog está vibrando loucamente.



# CAPÍTULO

## DEZESSEIS

Não preciso da vibração ininterrupta no bolso traseiro da calça para saber que os três homens em frente ao meu carro são mogs. Eu conheço o inimigo.

– Eles devem querer as informações do seu seguro – Maddy sugere, abrindo o porta-luvas para procurar os documentos.

Por um segundo, tento me convencer de que tudo aquilo pode ser uma coincidência, que eles não sabem exatamente quem – ou o que – eu sou. Mas não estão olhando para o estrago na van. Amassei muito o para-choque traseiro e quebrei uma lanterna, mas eles não parecem se importar.

Os três olham para mim. Lentamente, um deles começa a enfiar a mão no interior do sobretudo.

Não pode ser coincidência. Bem que eu queria. Meu encontro está arruinado antes mesmo de começar.

– Para o inferno com isso – resmungo, e engato a ré.

Os mogs se separam, tentando bloquear o espaço por onde ainda posso fugir. Como se eu não pudesse passar por cima deles! Piso no acelerador e arranco, obrigando um deles a sair do caminho. Quando engato a primeira e piso fundo de novo, noto que os outros já estão entrando na van.

– O que você está fazendo?! – grita Maddy.

– Acho que um deles estava armado! – grito de volta, ultrapassando um sedã que seguia devagar.

– Ficou maluco? Stanley, devagar!

Eu faço o oposto. Piso fundo e avanço um sinal vermelho. Canto pneu ao virar o volante para a esquerda de maneira brusca, quase derrapando na curva. Maddy sacode presa ao cinto de segurança, e eu me encolho quando ela grita de dor.

Pelo espelho retrovisor, vejo a van dos mogadorianos presa no trânsito. Percebo que não estava respirando e deixo o ar sair por entre os dentes.

– Eu quero descer! – diz Maddy. – Quero sair deste carro imediatamente!

Começo a reduzir a velocidade, tentando me misturar ao tráfego. Não vai ser fácil, considerando que o carro chama muita atenção. Espero que Sandor esteja

assistindo a tudo isso em uma das câmeras do sistema que ele invadiu e que mande um planador para me tirar dali.

O iMog no meu bolso vibra com vigor renovado.

– Segure-se – aviso, pisando no acelerador no instante em que a van surge de uma rua lateral, quase atingindo o para-choque do conversível.

A van nos persegue e tenta nos jogar para fora da pista. Outros carros buzina quando passamos em alta velocidade. Maddy olha por cima do ombro, horrorizada com o veículo que se aproximava e o rosto cruel do motorista.

– Estão bem atrás de nós. – A voz dela é quase um sussurro. A mão está apertando meu braço, as unhas cravadas na camisa. – Por que isso está acontecendo?

Não respondo; não consigo pensar em nenhuma mentira capaz de explicar aquilo.

Com dedos úmidos de suor, abro um painel escondido no volante. Sandor se precaveu para situações como essa.

– Segure-se – aviso.

Maddy olha para mim. Sua expressão de pavor não se deve apenas aos mogadorianos.

Aperto o botão que libera o óxido nitroso.

O motor do conversível ronca, depois falha por um momento, e fico com medo de que o carro não vá suportar a modificação feita por Sandor. Mas, em seguida, com um forte solavanco, ele dispara.

Estamos muito além do limite de velocidade. Tenho até medo de olhar para o velocímetro. Mantenho os olhos fixos na rua, no trânsito. Maddy está colada no banco, apavorada. Percebendo nossa aproximação, os outros carros tentam sair do caminho. Os sinais vermelhos passam como raios. Ouço uma sirene e, por uma fração de segundo, vejo luzes azuis piscando no espelho retrovisor, mas os policiais ficam para trás antes mesmo de conseguirem enxergar a placa do conversível. Somos quase um vulto.

Continuo dirigindo até que o iMog pare de vibrar, e entro com o carro em uma alameda isolada e desligo o farol.

Meu corpo treme, inundado pela adrenalina. Não acredito no que acabei de fazer, fugir de um bando de mogadorianos em alta velocidade, escapar de uma perseguição que parecia saída de um filme. Sou um herói de filme de ação. Sinto

uma mistura de euforia e alívio.

E não sei de onde vem a parte seguinte. Talvez seja pura adrenalina, talvez eu esteja ficando completamente maluco. Mas, antes que consiga perceber o que vou fazer, eu me inclino na direção de Maddy e a beijo.

Acho que não devia ter feito isso.

– Seu desgraçado! – ela grita e me empurra.

Depois abre a porta, derrubando as latas de lixo que estavam perto. A alameda não é muito iluminada, mas vejo as marcas das lágrimas em seu rosto.

Perplexo com a reação dela, não digo nada quando ela se afasta correndo.

Sozinho no conversível de Sandor, só me resta ponderar sobre a vida cheia de aventuras de um herói lorien.

# CAPÍTULO

## DEZESSETE

Abandono o conversível na rua deserta e volto caminhando para o edifício John Hancock. Tento usar os becos e as ruas secundárias. Meu iMog não volta a vibrar. Não sei de onde aqueles mogadorianos saíram, mas sei que foram embora.

Telefone para Sandor e conto o que aconteceu. Consigo pegá-lo quando ele já estava saindo de casa para me procurar. Como suspeitava, ele me monitorou o tempo todo e estava muito nervoso.

Passa da meia-noite quando chego em casa. Sandor está me esperando na entrada do prédio.

– O que aconteceu?

– Não sei – respondo. – Eles simplesmente apareceram.

– Uma perseguição em alta velocidade no meio de Chicago? Onde estava com a cabeça?

– Não tive alternativa.

Sandor geme, fazendo um gesto de desdém.

– Está agindo como uma criança.

– Você disse que não havia mogs na cidade – protesto.

– Que estupidez – ele continua. – Foi loucura deixar você usar o carro. Deixar você sair de perto de mim. Tudo por causa de uma garota.

– A propósito, ela está bem – retruco.

– Quem se importa? – Sandor devolve furioso. – Ela não tem importância. *Você* é importante. Percebe o que pôs em risco? Todos os anos de progresso que destruiu em uma noite, tudo por causa de uma paixão idiota?

Dou um passo para trás.

– Não fale assim dela.

Sandor está agindo como um hipócrita. Foi ele quem me incentivou a ir atrás de Maddy no início.

Sandor passa as mãos no rosto, exasperado.

– Onde deixou o carro?

Explico mais ou menos a localização da alameda.

– Precisamos destruí-lo – ele anuncia. – E nossa presença aqui precisa ser minimizada. Vou cuidar disso. Você... suba e ponha algumas coisas na mochila.

– O quê? Por quê?

– Vamos partir amanhã de manhã.



Cheguei perto. Havia me aproximado muito de ter uma vida que seria mais que apenas Sandor e o treinamento.

Ando pela cobertura, deixo meus olhos passearem por todos os luxos que acumulamos nos últimos cinco anos. Cinco anos morando ali com paz e conforto – tudo arruinado porque me senti entediado. Quando matei aquele mog no elevador, pensei que as coisas poderiam mudar. Pensei que assumiria meu destino e começaria a guerra contra os mogadorianos. E pensei que isso me faria feliz.

Em vez disso, as coisas só pioraram.

A melhor sensação com relação à morte daquele mog era a de saber que eu fizera justiça. Eu havia decidido quando e como ele morreria. A escolha havia sido minha.

Porém, agora tinha ainda menos opções. Sandor quer voltar para a estrada, justo agora que eu já começava a entender algumas coisas. Não acho justo que ele tenha sempre que decidir tudo.

Eu não devia poder opinar sobre nosso próximo passo?



Não consigo pegar as coisas para partir. Ainda me apego à esperança de que Sandor vá mudar de ideia.

Tento ligar para Maddy, mas as chamadas caem direto na caixa postal. E eu não saberia o que dizer se ela atendesse. Que tipo de mentira poderia contar? Passo quase uma hora tentando criar uma desculpa para quase tê-la matado, por tê-la assustado e por não ter nem percebido que estava fazendo tudo isso.

No fim, decido mandar uma mensagem simplesmente com: “Desculpe-me.”

Sei que não vou dormir esta noite.

Passo pela oficina de Sandor e pela Sala de Aula. Existem alguns módulos automáticos de treinamento já programados na interface da sala. Escolho um,

aleatoriamente, e me posiciono no centro da sala, empunhando o cajado.

Quando a primeira bilha é disparada da torre de tiros do Palanque, não a desvio com telecinesia nem a rebato com o cajado. Deixo que me atinja bem no meio do peito. Respiro fundo quando a dor explode e irradia pelo esterno.

Trincando os dentes, uno as mãos atrás das costas e me inclino para a frente. A bola seguinte me acerta um pouco mais à esquerda, machucando as costelas.

Quando o terceiro tiro é disparado, sou dominado pelo instinto. Eu o desvio para o lado com a telecinesia e giro para o lado oposto, antecipando o disparo seguinte. Giro o cajado no alto da cabeça quando o programa acelera os disparos e as pesadas bilhas me atacam pelas costas. Um tentáculo mecânico surge do chão e tenta me prender.

A mente alerta se desliga. Eu luto.

Não sei por quanto tempo permaneço nesse estado, me esquivando e atacando, agindo, em vez de pensar. Depois de um tempo sinto que estou suado, a camisa completamente ensopada. É então que os padrões da Sala de Aula mudam; os ataques tornam-se menos previsíveis, mais coordenados do que os do programa.

Percebo que Sandor voltou e ocupou sua cadeira diante do painel de controle, os dedos deslizando pelas teclas.

Nossos olhos se encontram quando salto por cima de um aríete blindado. O olhar dele é de tristeza e decepção.

– Não arrumou suas coisas – ele diz.

Estufo o peito e o encaro em desafio. *Vá em frente*, tenho vontade de dizer, *atire tudo o que puder contra mim. Eu aguento.*

Vou provar para Sandor que não sou mais seu menino prodígio.

– Acho que uma última sessão de treinamento antes de irmos embora não vai fazer mal nenhum – diz ele.

Um objeto brilhante do tamanho de uma bola de tênis se eleva do chão, emitindo uma luz estroboscópica que me deixa desorientado. Tenho dificuldade de enxergar os projéteis que são disparados em seguida, mas consigo pará-los no ar, usando a força da mente para mantê-los a centímetros do meu peito machucado.

– Isso ainda não foi decidido – digo de forma contida, enquanto desvio um dos projéteis na direção da bola brilhante, que explode. Os restos que caem no chão piscam e se apagam.

– O que é que ainda não foi decidido? – pergunta Sandor.

– Nossa partida.

– Não?

Duas bolsas pesadas voam em minha direção, seguidas por outra saraivada de bilhas. Uso o cajado com toda a força para rebater uma delas, meus músculos protestando. A arma rompe a bolsa e espalha a areia no chão.

Um dos projéteis me atinge no quadril, mas paro os outros e os atiro de volta ao lugar de onde vieram. As torres de tiro na parede começam a zunir e estalar quando as bilhas entram pelos canos. Elas soltam fumaça e param de funcionar.

– Tenho direito a um voto – digo. – E meu voto é para ficarmos.

– Impossível – Sandor declara. – Você não entende o que está em jogo. Não está raciocinando com clareza.

Três planadores brotam do chão. Nunca combati tantos ao mesmo tempo. Um deles é a torradeira com um motor, aquela que alguns dias antes testamos no telhado. Os outros eu nunca vi. São do tamanho de bolas de futebol, revestidos com metal, com saliências na parte da frente.

A torradeira flutua na minha frente, distraíndo-me dos outros dois que vêm pelas laterais. Quando estão em posição, os que parecem bolas de futebol me atingem com duas descargas elétricas.

Recuo para o fundo da sala, os planadores me atacando. O último choque deixou um zumbido em meus ouvidos. Os aparelhos se aproximam, me perseguem. Saio correndo da sala.

Sem perceber o que estou fazendo, subo pela parede. Minha intenção era usá-la para tomar impulso, saltar e aterrissar atrás dos flutuadores, mas alguma coisa está diferente. Não sinto a gravidade. Meus pés estão plantados.

Estou de pé na parede. Com exceção de uma rápida vertigem, não é nada diferente de estar no chão.

Meu Legado. Desenvolvi um dos meus Legados.

Sandor olha para mim e está perplexo demais para ajustar o curso dos flutuadores. A torradeira se choca contra a parede. De cima, rebato as duas bolas com o cajado, destruindo-as. Sandor grita triunfante.

– Está vendo? Vê o que é capaz de fazer? Meu menino prodígio teve um upgrade!

– Upgrade? – pergunto grunhindo.

Corro pela parede até o teto. A sala fica de cabeça para baixo. Disparo pelo teto,

que agora é o chão para mim, e vou ganhando velocidade. Quando estou bem em cima de Sandor e do Palanque, salto, giro no ar e acerto o painel de controle com meu cajado.

O painel explode numa cachoeira de fagulhas. Sandor se joga para o lado, gemendo ao cair em cima do ombro. Meu cajado entrou fundo na frente do Palanque, praticamente o dividindo ao meio. Há uma série de sons agudos e ensurdecedores, e então a Sala de Aula fica escura.

– Não sou um dos seus aparelhos! – grito na escuridão. – Não pode me controlar simplesmente.

Vejo flashes piscando em meu campo de visão enquanto os olhos tentam se ajustar ao escuro. Não consigo ver Sandor direito, mas posso ouvi-lo se levantando com dificuldade.

– Eu não... Não é isso o que penso – diz meu Cêpan. Felizmente não posso ver seu rosto, a dor em sua voz é evidente. – Tudo o que sempre fiz, todos esses anos... – Ele para, em busca das palavras.

Enquanto volto a mim, as lembranças da noite me vêm à cabeça. Percebo o que fiz.

– Nove... – Sinto a mão de Sandor em meu ombro. – Eu...

Não quero ouvir. Afasto a mão dele com um movimento brusco e corro.



# CAPÍTULO

## DEZOITO

O sol começa a se erguer no horizonte. O ar ainda está frio, gelando minha pele sob a camisa ensopada de suor. Saí do edifício John Hancock só com as roupas do corpo – as mesmas que usei no encontro fracassado da noite anterior –, meu celular e o iMog nos bolsos traseiros da calça.

Parte de mim sabe que no fim das contas vou precisar voltar para Sandor. Mas, neste momento, faço de tudo para ignorá-la.

Quero saber quanto tempo posso sobreviver aqui fora, sozinho. O dia está só começando. Posso fazer o que quiser.

Sinto-me como o Homem-Aranha quando uso meu mais novo Legado para ficar parado do lado de fora de um arranha-céu qualquer de Chicago, no quinquagésimo andar. Sob meus pés, do outro lado da janela, as luzes automáticas do escritório se acendem. Olho para as ruas lá embaixo, para a cidade começando a despertar.

Graças ao Legado antigravidade, vejo Chicago por ângulos que nunca tinha imaginado.

Corro pelas janelas do arranha-céu e salto o vão estreito que separa as construções. No edifício vizinho, subo ainda mais, pulo por cima de uma gárgula e me equilibro na beirada do telhado. Caminho por ali, abrindo os braços como um equilibrista na corda bamba, mesmo sabendo que não existe a menor possibilidade de que eu perca o equilíbrio. Centenas de metros acima do chão, e é como se eu andasse pela calçada.

Isso teria sido bem útil naquele primeiro dia no Windy Wall.

Noto do outro lado da rua um executivo se acomodando à mesa do escritório com seu café. E aquele é o sinal para eu interromper a experiência. Não preciso de Sandor para me dizer que seria uma péssima ideia ser visto passeando na lateral dos edifícios.

Salto até o telhado. Fico ali por um tempo, sentado, vendo o sol nascer. Não tenho lugar nenhum para ir. Isso é tranquilizador. Quando o sol surge completamente e o barulho da cidade lá embaixo aumenta até atingir os decibéis da hora do rush, decido dar uma olhada no celular.

Três mensagens de voz e quatro de texto. Todas de Sandor.

Eu as apago.

De repente, fico muito cansado. Não dormi nada na noite anterior. O dia está lindo e é bem calmo ali no telhado. Começo a sentir as pálpebras pesarem.

Deito encolhido numa sombra, perto da beirada. É duro, mas meu corpo está exausto demais para reclamar de alguma coisa.

Por alguma razão, começo a pensar em meu sonho com Lorien. Penso em como me atirei em cima de Sandor, deixando nós dois todos sujos de lama, e em como ele me levantou no alto e sorriu. É uma lembrança agradável. Quero sonhar com isso de novo.



Mas não sonho com nada. É um sono profundo, e quando finalmente acordo o sol está se pondo. Dormi o dia todo. Meu corpo está dolorido, tanto pelo esforço físico da véspera quanto por eu ter apagado deitado naquela superfície dura.

Gemendo e me alongando, eu me sento. Decido dar mais uma olhada no celular, mesmo sabendo o que me espera.

Mais mensagens de voz e de texto enviadas por Sandor, os textos cada vez mais desesperados, implorando por saber onde estou, se estou bem. A culpa deixa meu estômago revirado. Em algum momento mandarei notícias, decido. Só preciso de mais tempo.

É então que vejo. Uma única mensagem enviada pelo único número que tenho em meu celular além do de Sandor.

Maddy.

“Talvez a gente possa tentar de novo, se você prometer não dirigir.”

Eu me levanto com um salto e dou um soco no ar, comemorando. Depois de tudo o que a fiz passar na noite anterior, mesmo depois do episódio com o beijo, ela ainda quer me ver de novo. Isso tem que significar alguma coisa, certo? Com uma simples mensagem Maddy me fez ter certeza de que existe mesmo alguma coisa entre nós.

Mesmo sabendo que nada para nós vai ser simples ou fácil, que a breve liberdade que tenho agora vai acabar e que vou ter que retomar meu destino – mesmo tendo consciência de tudo isso, eu ainda preciso vê-la. Sei que posso

consertar as coisas entre a gente. E talvez possa viver nem que seja um único momento normal, perfeito.

Passeio pelo alto dos prédios enquanto o sol se põe, uma sombra acima dos trabalhadores cansados na volta para casa. Traço meu percurso por paredes, janelas e cabos elétricos, seguindo para a casa de Maddy.

Sou cuidadoso ao me aproximar. Os mogadorianos me seguiram na noite anterior, o que significa, obviamente, que estão atrás de mim. Preciso ter certeza de que não há nenhum deles à espreita. Podem estar em qualquer lugar. Percorro alguns quarteirões por ali, o tempo inteiro no alto, sempre com um olho no iMog.

Não há nenhum sinal de perigo.

Analiso o apartamento de Maddy do outro lado da rua. Sinto-me um invasor, um espião. Avistar os pais dela seria quase tão ruim quanto avistar os mogs. Aparecer sem avisar pode não causar boa impressão com a família. Não quero acabar tendo que atirar pedrinhas na janela do quarto dela.

Subo pelo prédio em frente ao dela, tomando cuidado para continuar escondido, e observo as janelas. Maddy me disse que os pais viajam muito. Parece que dei sorte e é esse o caso esta noite. O único movimento que identifico no apartamento é o de Maddy deitada no sofá com seu laptop.

A mim parece grosseiro ficar espiando além do necessário, então desço para a rua e me aproximo do prédio da maneira normal.

Segundos depois de ter apertado o botão do interfone, a voz de Maddy surge falhando e chiando do outro lado.

– Pronto?

– Oi – digo para o aparelho. – É o Stanley.

Há uma pausa demorada, longa o bastante para eu pensar que aquela foi uma ideia estúpida. Ela pode estar me olhando da janela agora, torcendo para que eu desista, desapareça na noite e a deixe em paz. Ou, pior ainda, pode estar chamando a polícia.

Fico aliviado quando escuto o som da trava automática da porta, que me deixa entrar.

O apartamento dela fica no terceiro andar. Subo a escada. Ela me espera no corredor usando uma calça larga de pijama, camiseta justa e um casaquinho aberto.

– Tudo bem? – Maddy pergunta quando me vê.

Percebo que minha aparência deve estar péssima. Estou com as roupas da

véspera, depois de passar pelo treino mais pesado de todos os tempos na Sala de Aula, e dormi no alto de um prédio. Tarde demais, ajeito os cabelos com a mão e tento dar uma alisada na blusa amarrotada.

– As últimas vinte e quatro horas foram bem difíceis – falo com honestidade.

– Acho que sei o que quer dizer. – Ela sorri para mim de um jeito nervoso. – Então...

– Desculpe por eu ter aparecido sem avisar – falo, tentando contornar o desconforto. – É que... não sei quando vou poder ver você de novo, e queria pedir desculpas pessoalmente.

– Obrigada por ter vindo – ela responde com um tom aliviado.

Depois me abraça, o rosto encostado em meu peito.

Eu me permito desfrutar o momento, tentando gravar na memória a sensação do corpo de Maddy colado no meu, em meus braços.

– Não me leve a mal – ela sussurra –, mas você não está cheirando bem.



Como eu imaginava, os pais de Maddy estão viajando. Ela me convida para entrar, comentando em tom brincalhão que quebrar a regra de não levar rapazes ao apartamento na ausência deles não é nada para quem já quebrou a regra de não participar de perseguições em alta velocidade. Dou risada, mas percebo o hematoma aparecendo por baixo do casaco de Maddy, causado pelo impacto do cinto de segurança em seu ombro, e novamente me sinto culpado.

Maddy insiste para eu tomar um banho. Ela me empresta uma calça de moletom do pai e uma camisa desbotada da NASA, e me manda para o banheiro.

Eu demoro embaixo do chuveiro. A água quente alivia as dores musculares. Por um tempo, fico imaginando que sou apenas mais um adolescente tomando banho depois de ter entrado escondido na casa da namorada enquanto os pais dela estão viajando. Maddy não é minha namorada, mas poderia ser.

É estranho estar em uma casa como aquela. É claro que o apartamento não tem a opulência da cobertura no John Hancock, mas compensa em aconchego. Diferentemente de onde Sandor e eu moramos, a casa de Maddy parece realmente habitada. A mobília tem sinais de uso. Há fotos dela com os pais em todos os lugares. Enfeites e lembrancinhas lotam as estantes, souvenirs de viagens de

família. Há toda uma história ali. Eu sinto inveja.

Maddy está me esperando no quarto dela quando saio do banho. Percebo que é a primeira vez que vejo o quarto de um adolescente normal. Há fotos de Maddy com os amigos, troféus da escola, pôsteres de astros do cinema nas paredes. É muito diferente do meu quarto, funcional, ocupado apenas por *video games* e roupa suja.

Ela dá uma batidinha na cama e me sento a seu lado. Percebo que está tentando descobrir o que fui fazer na casa dela, por que cheguei naquele estado.

– Diga a verdade – ela começa. – Você fugiu de casa?

– Mais ou menos – respondo, meio envergonhado.

Deito na cama de barriga para cima e cubro os olhos com um braço. Maddy se deita ao meu lado e tenta olhar para mim.

– Quer falar disso?

Eu quero. Mas até onde posso contar?

– Briguei com meu tio.

– Por causa do carro?

– Sim. Quer dizer, não realmente. O carro foi meio a gota d'água. O problema já vem de algum tempo.

Maddy faz um ruído encorajador, e percebo que ela está segurando minha mão.

Então, as palavras começam a jorrar.

– Eu me sinto como se meu tio mapeasse toda a minha vida. Como se eu não tivesse nenhum controle sobre decisões que me afetam. E quando tento agir sozinho, algo terrível acontece. Como ontem à noite.

Penso no hematoma no ombro de Maddy. Como que percebendo minha culpa, ela afaga minha mão para me incentivar a prosseguir.

– Quero me afastar de tudo. Da minha vida inteira. Mas sinto que, qualquer que seja a minha escolha, vou acabar me arrependendo.

Tiro o braço de cima dos olhos e tento enxergá-la no escuro.

– Isso faz algum sentido?

Tenho a impressão de ver lágrimas nos olhos de Maddy. Ela balança a cabeça, concordando.

– Sim – responde em voz baixa.

Ficamos deitados na cama, de mãos dadas. Depois de um tempo, como aconteceu na Sala de Aula, minha mente desliga. Isso é o que eu mais queria. Amanhã vou ter que esclarecer as coisas com Sandor, mas, por ora, tudo está

perfeito. Normal.

Nós dormimos.

# CAPÍTULO

## DEZENOVE

Em algum momento, sinto Maddy se levantar e sair do quarto.

Eu fico naquele estado entre o sono e a vigília, vagamente consciente de que já é de manhã. A cama de Maddy é muito confortável, e não quero me levantar. Sonolento, me permito imaginar quantos dias os pais de Maddy vão passar fora da cidade. Talvez eu possa estender um pouco mais esse período de férias.

Sinto um movimento ao lado da cama. Maddy voltou, provavelmente.

Dedos tocam meu braço. São estranhamente frios.

Abro os olhos de repente. Dois homens magros e pálidos estão parados ao lado da cama, os dois de cabelo preto quase raspado.

Os mogadorianos me encontraram.

Quase mais assustador que os dois rostos feios olhando para mim é o espaço vazio ao meu lado na cama.

Maddy. O que fizeram com ela?

Sou tomado de assalto por uma série de medos. Aqueles mogs podem me capturar, mas não podem me ferir. Não enquanto eu estiver protegido pelo encanto de Lorien. Maddy, por outro lado... Podem fazer o que quiserem com ela. Por um momento, espero que isso seja só um pesadelo excessivamente real. Quando eles se inclinam juntos para prender meus braços e pernas, me imobilizando, vejo que não é sonho. Eu me contorço para soltar os pés e chuto o peito do mog com toda a força possível para o meu corpo ainda adormecido. Ele se desequilibra para trás, cai na escrivaninha de Maddy e derruba suas coisas. A bolsa cai no chão e tudo o que havia nela se espalha perto do troféu de natação novinho e quebrado. Quando o mog tenta se levantar, acaba derrubando também o laptop.

Destruí o quarto dela. Destruí a vida dela.

O outro mog segura meus pulsos e me prende na cama. Ele grunhe enquanto eu me debato, seu rosto tão próximo do meu que posso sentir o hálito podre. De fato, seu rosto está tão perto que consigo acertá-lo com uma cabeçada.

O golpe quebra o nariz do mogadoriano. As mãos em meus pulsos perdem força e consigo me libertar. Levanto as pernas e dou uma cambalhota para trás. Meus pés

tocam a parede e basta isso para que meu ponto de vista passe a ser outro — o Legado antigravidade entra em ação. Estou cara a cara com um mog, ainda que meu corpo esteja perpendicular ao dele, e acerto seu rosto com um soco.

Os dois mogadorianos ficam perplexos com o fato de, de repente, eu estar correndo pelo teto. Bom. Isso deve me dar um ou dois segundos de vantagem. Preciso encontrar Maddy e nos tirar dali. Fico imaginando se ela teria uma mala de emergência pronta e escondida em algum lugar, mas em seguida me dou conta de que ter sempre à mão uma mochila pronta para cair na estrada não é típico das pessoas comuns. Penso em pegar a bolsa dela, mas, quando vejo que está tudo espalhado no chão, dúzias de documentos com a foto dela sorrindo — por que ela tem tantas carteirinhas, aliás? —, sei que não temos tempo. Sandor vai ter que fazer uma nova identidade para ela no caminho.

Abro a porta do quarto com um chute, sem descer do teto, e salto a parte mais alta do batente. Há outro mogadoriano esperando lá fora, mas ele não contava comigo vindo do alto. Os que estão atrás de mim gritam para alertá-lo. É tarde demais.

Com um grito, agarro o surpreso mog por baixo do queixo com as duas mãos. Depois pulo do teto, puxando a cabeça dele para trás. A física do movimento é impossível. Ouço os ossos dele estalando quando bato com sua cabeça no chão, a testa a poucos centímetros dos calcanhares.

O mog se desintegra numa nuvem de cinzas. As fotos da família de Maddy no corredor ficam cobertas de poeira. Sinto-me culpado mais uma vez. A casa era perfeita quando cheguei na noite passada, e agora, ao levar a luta para lá, acabei por envolvê-la e a sua família perfeita em uma guerra intergaláctica. Maravilha.

Corro parede acima, até o teto, e me dirijo à sala de estar gritando o nome dela. Os dois mogs do quarto me seguem, um deles com a mão no rosto arrebatado.

Há outros três na sala. Dois estão nas laterais do sofá onde Maddy está sentada com a cabeça entre as mãos. Não sei se ela está ferida, se está chorando ou as duas coisas.

— Maddy! — eu grito. — Temos que correr!

Ela se encolhe ao som da minha voz, e essa é sua única reação.

O terceiro mogadoriano está na porta do apartamento. Ele sorri quando me vê. É uma expressão repugnante; seus dentes são cinzentos, podres, completamente desalinhados. Ele é maior que os outros. Deve ser o líder. Tem na cintura uma



espada que parece bem ameaçadora, mas nem tenta sacá-la. Parece já satisfeito por estar bloqueando a única saída.

O que ele não percebe é que sempre haverá outras saídas se você souber andar pelas paredes.

Eu me abaixo e, sem gritar, arranco o ventilador de teto dos fios. Adoraria ter meu cajado agora, mas o ventilador vai ter que servir.

Com exceção do líder, todos os mogadorianos vêm na minha direção. Salto do teto com o ventilador na mão e acerto o topo da cabeça do mog mais próximo. A pá de madeira se quebra ao meio ao partir seu crânio. O corpo se decompõe imediatamente em cinzas, misturando-se a fragmentos do ventilador no carpete de Maddy.

Dois eliminados, faltam quatro.

Descrevo um círculo enquanto giro o que resta do aparelho. Meus oponentes são forçados a recuar enquanto ganho impulso. Solto o ventilador, que passa voando entre os dois mogs. Ambos riem, certos de que errei o arremesso, mas eles nunca foram meu alvo. Atrás dos dois, a janela da sala se quebra em uma chuva de vidro e madeira que cai na rua lá embaixo.

Aí está a nossa saída.

Um dos mogs consegue me agarrar pelas costas. O outro – aquele cujo nariz eu quebrei – esquece as regras e me agride com um soco. Uma sensação morna se espalha por meu rosto, enquanto um hematoma se espalha pelo dele. O mogadoriano cambaleia. Acerto o estômago do outro com uma cotovelada e me solto.

“Maddy!”, eu grito, correndo até ela. Um dos mogadorianos tenta me segurar. Abaixo bem um dos ombros, como se me preparasse para passar por baixo de uma das bolsas na Sala de Aula, e invisto contra os joelhos dele. O mog rola por cima de mim e cai na mesa de centro.

Na porta, ouço a risada abafada do líder. Não sei por que ele acha engraçado ver seus comandados apanhando. Pelo menos, tem espírito esportivo.

Agarro Maddy pelos ombros e a ponho em pé. As mãos dela ficam penduradas ao lado do corpo e vejo seu rosto pálido. Os olhos estão vermelhos e distantes, sem foco. Não quero nem imaginar o que os mogs fizeram para deixá-la nesse estado. Maddy é um peso morto em meus braços.

– Vamos! – grito, segurando seus ombros para sacudi-la.

Então, algo estranho acontece. Sinto uma energia se acumulando no centro de meu peito e se espalhando para os membros. Meus dedos formigam. Parece que Maddy também sente algo – uma corrente elétrica, uma onda de energia –, porque seus olhos recuperam o foco.

– O que... o que está fazendo? – ela pergunta com voz trêmula.

Não sei como compreendi, nem mesmo exatamente como fiz aquilo, mas tenho certeza de que um novo Legado acaba de se apresentar, considerando a sensação pela qual sou tomado.

– Confie em mim – digo. – Faça o que eu fizer, está bem?

Seguro Maddy pela mão e corro até a parede mais próxima. O mog de nariz quebrado tenta nos impedir, mas chuto uma mesa lateral, que bate nas pernas dele e o derruba. Na parede, experimento aquela onda de energia outra vez e, instintivamente, sei que estou compartilhando com ela meu Legado antigravidade. Deve ter sido isso que senti há um segundo. Agora consigo compartilhar meus poderes com outra pessoa, mas não faço a menor ideia de quanto tempo isso vai durar. Pulo, ainda segurando a mão dela, e sinto a mudança de eixo quando começo a subir pela parede. No início tenho a impressão de que Maddy vai apenas me deixar arrastá-la, mas logo ela começa a me seguir, também desafiando a gravidade alguns passos atrás de mim. Sorrio para mim mesmo ao ouvir sua exclamação de espanto. Maddy não acredita no que está fazendo.

– Estamos quase chegando – grito por cima do ombro.

Estamos nos aproximando da janela. A liberdade está lá embaixo. Percebo que não somos mais seguidos. Eles vão nos deixar escapar?

De repente, Maddy planta os pés. Paro com um solavanco, ainda segurando a mão dela. Viro para encará-la, esperando descobrir que um dos mogadorianos a agarrou.

Mas ela apenas parou.

– Maddy?

Vê-la com o olhar baixo, o rosto pálido como o de um fantasma, não faz nenhum sentido para mim. Alguma coisa me avisa que devo correr, mas não consigo soltar sua mão. Olho para baixo e vejo que ela está segurando, assustada, uma arma de choque. De onde surgiu aquilo?

– Sinto muito – ela diz, e me atinge com uma descarga elétrica.

A corrente passa por nós dois. Caímos do teto, sacudidos por espasmos e nos

contorcendo no chão.

E chegam os mogs.

# CAPÍTULO

## VINTE

Recobro a consciência na parte de trás de uma van. Estou sentado no banco, as mãos amarradas nas costas, os tornozelos amarrados. Percebo que estamos em alta velocidade. Minha coluna bate de maneira desconfortável contra o metal da lateral do veículo.

Maddy está sentada na minha frente. Aquela expressão distante, sem foco, voltou ao seu rosto. Os olhos estão fixos no piso da van. Os mogadorianos nem se deram o trabalho de amarrá-la. Começo a entender por que, mas afasto essa ideia. Não estou pronto para pensar nisso agora.

Ao lado de Maddy está o mog grandalhão que guardava a porta do apartamento. Ele gira um pequeno objeto entre as mãos, estudando-o.

É meu iMog.

O mogadoriano percebe que estou consciente e o observo. Seus lábios se retraem e sou forçado a encarar de perto aquele sorriso repugnante.

– Brinquedo bonitinho – ele diz, mostrando meu iMog. A tela está cheia de pontos vermelhos. – Pena que dessa vez não o ajudou em nada.

Ele esmaga o equipamento entre as mãos e joga o que sobrou dele no piso da van.

O mog se diverte enquanto me debato contra as amarras. As argolas de metal que me imobilizam não cedem nenhum milímetro, continuam apertando meus pulsos e tornozelos. Olho com atenção a parte de trás da van; os bancos dos dois lados são presos ao piso, uma tela de metal nos separa do motorista, e nada mais que chame minha atenção.

Não há como fugir.

Penso em me jogar em cima dele. Talvez consiga me aproximar o bastante para mordê-lo. Porém, não estou apenas com os braços e os tornozelos presos – também estou acorrentado ao banco. Eles tomaram todas as precauções.

– Vai ter que ir comigo – o mog comenta, sentindo minha resignação.

Encaro o inimigo rangendo os dentes. Ele responde com um sorriso.

– Fale, onde está seu Cêpan?

– Rio de Janeiro – respondo, escolhendo o primeiro lugar que me vem à mente. Ele debocha.

– Acha que somos burros?

– Sim, eu acho. Muito burros.

– Hum. Encontramos você, não foi? Um dos meus comandados está desaparecido. No último contato ele disse que estava à margem do lago em Chicago, seguindo um garoto cuja descrição correspondia à sua. Se meu comandado desapareceu, você deve tê-lo levado para algum lugar. Portanto, você deve ter um esconderijo seguro na área. – Ele chuta os pedaços do meu iMog quebrado. – Deve ter tido alguma vantagem sobre ele.

Tento manter minha expressão vazia, mas, por dentro, estou gritando. A culpa é toda minha.

– Onde está seu Cêpan? – repete o mog. – Onde fica seu esconderijo?

– Então não sabe? – pergunto. – Que falta de sorte, cara. Acho que está sozinho nessa.

Ele suspira.

– Quanta coragem! O que me pergunto é se vai continuar valente quando eu matar todos os outros que antecedem seu número, seja ele qual for.

Penso depressa. Tento deduzir o quanto eles sabem. Já tinham minha descrição, sabiam que eu gostava do lago e deduziram que tínhamos um jeito de identificar que eles se aproximavam. O que mais podiam saber? O que contei a Maddy sobre minha vida?

Maddy. Olho para ela. Só pode ser. Ela os estava ajudando. Mas, por quê? E há quanto tempo? Eles a teriam encontrado depois da perseguição de carro? Teriam usado algo para coagi-la? Será que ela é um deles? Descarto a última hipótese. Meu iMog teria me alertado.

Lembro a confusão que a luta com os mogadorianos deixou no quarto de Maddy, o conteúdo de sua bolsa espalhado pelo chão. Vários documentos. Muito mais do que o normal. No calor da batalha, não pensei em nada disso. As carteirinhas, parecidas com aquela que eu tinha para frequentar o Windy City Wall, mas diferentes. Percebo que eram carteiras de associação de centros de recreação espalhados por toda Chicago.

Meu estômago se revira quando penso em como Maddy olhou para mim naquele primeiro dia. Muito interessada, no início, mas nervosa quando viu que eu

havia notado sua presença. E depois ela desapareceu antes que eu pudesse me aproximar e conversar.

– Vocês estavam me procurando – digo, perplexo.

O mogadoriano se reclina no banco, passando o braço sobre os ombros de Maddy. Ela estremece e tenta se afastar, mas ele a segura.

A maneira como ela apareceu na loja de objetos usados. Tirou uma foto minha. Depois os mogs naquela van, na noite do nosso encontro. Como ela ficou furiosa ao final da perseguição de carro. Nada daquilo era coincidência. Por mais que eu não queira aceitar, de repente o interesse de Maddy por mim começa a fazer sentido.

– Vocês, loriens, gostam de agir como se fossem poderosos e melhores que todos os outros, mas se comportam exatamente como os humanos. Basta aparecer um rostinho bonito, e perdem a capacidade de julgamento.

Ele aperta a bochecha de Maddy. Tento me lançar para a frente, mas só consigo sacudir as correntes e ferir meus pulsos. O mogadoriano disfarça o sorriso.

– Um perfeito cavalheiro – ele comenta. – É tão idiota que não percebe o que aconteceu? Ela o traiu, menino. A garota trabalha para nós. Estamos com ela há algum tempo, mas não sabíamos como usá-la. Humanos. Uns inúteis, sabe? Mas quando pedimos a ela que encontrasse você, o trabalho foi magnífico. Não é, meu bem? – Ele a abraça mais forte, com um carinho debochado.

Sei que tudo o que diz é verdade, tão real quanto o choque que ela disparou contra mim há algumas horas, mas não quero acreditar. Tem que haver uma explicação.

Ignoro o mog, tento atrair o olhar de Maddy.

– Por quê? – pergunto a ela.

Maddy comprime os lábios, quase como se tivesse que se esforçar para não falar nada. O mogadoriano responde por ela.

– O pai dela, o tal astrônomo, viu algo que não devia – ele diz. – Esses primitivos e seus telescópios de vez em quando têm sorte. Fomos forçados a deter os pais da mocinha.

Percebo o sofrimento no rosto de Maddy enquanto o mogadoriano conclui alegremente sua explicação.

– Ela fez uma troca. Você pelos pais.

# CAPÍTULO

## VINTE E UM

O mogadoriano passa as horas seguintes tentando arrancar de mim alguma informação, alternando entre a provocação e o terrorismo. Fico no mais absoluto silêncio e, depois de um tempo, ele desiste. Mas sei que ainda não acabou. Seguimos viagem calados.

Eu encaro Maddy. Ela não me olha nem uma vez.

Se o que o mog me disse é verdade – e deve ser, ou Maddy teria se defendido –, ela me enganou desde que a vi pela primeira vez. A conexão que senti entre nós era uma farsa, algo em que me permiti acreditar porque estava desesperado e sozinho. Fui muito estúpido ao pensar que uma garota como Maddy se interessaria por mim.

No entanto, quanto mais observo o rosto dela, mais consigo me convencer de que, talvez, não tenha sido apenas um truque mogadoriano. Ela parece apavorada, como se estivesse presa em um pesadelo que se recusa a terminar. Mas não é só terror que a impede de olhar para mim. É culpa.

Ela não se sentiria culpada se nunca houvesse existido nada entre nós. Ou sentiria?

Sandor estava certo. Eu me comportei como uma criança.

Sei que a atitude mais responsável seria continuar em silêncio, manter a expressão distante até identificar uma oportunidade de fuga. Mas preciso saber a verdade.

– Alguma vez gostou de mim? – pergunto a Maddy.

Ela se encolhe quando eu falo. O mogadoriano aplaude, encantado, mas eu o ignoro. Lentamente, Maddy levanta a cabeça e olha para mim.

– Eu... s... sinto muito – gagueja. – Lamento não ter tido a chance de conhecer você melhor.

– Que romântico... – debocha o mog. Em seguida ele pega Maddy pelos ombros com violência e cobre a cabeça dela com um capuz preto. – Você é o próximo, garotão apaixonado – diz, enfiando outro capuz na minha cabeça.

Não tive a chance de perguntar a Maddy o que ela quis dizer com aquilo.

Sentado no escuro, tento me colocar no lugar dela. O que eu faria se os mogadorianos raptassem Sandor e me forçassem a trabalhar para eles?

Eu os teria matado, é claro. Mas Maddy não tinha essa opção.

Percebo que não a culpo. Como ela poderia ter agido de outra maneira? Maddy não fazia ideia do que realmente estava em jogo.

Ainda posso consertar tudo isso. Posso fugir, e vou levar Maddy comigo. Não interessa o que ela fez. Sei que ela não é o verdadeiro inimigo.



A van para e os mogadorianos nos empurram para fora. Tropeçamos na escuridão, caminhando primeiro por um terreno acidentado, que imagino ser uma floresta, depois por um piso de grade que faz nossos passos ecoarem. Não sei para onde os mogadorianos nos levaram, mas parece ser um lugar grande, escuro e movimentado, porque a atividade reverbera à nossa volta.

Por um tempo acompanho os passos de Maddy atrás de mim, mas em um determinado ponto os mogadorianos a levam em outra direção. Eles me empurram para frente, fazendo-me arrastar os pés sem jeito por causa dos tornozelos acorrentados. Sigo por passarelas estreitas e corredores sem fim.

Finalmente, paramos. O mogadoriano da van puxa meu capuz, arrancando também alguns fios de cabelo. Estamos em uma sala escura, sem mobília nem nada que possa identificá-la além de uma grande janela recortada em uma parede. Outros mogs estão reunidos ali, a maioria me olhando de esguelha, outros olhando pela janela, animados.

– Achei que gostaria de ver isso – diz o líder, segurando meu cotovelo para me puxar até a janela.

A sala é uma espécie de observatório. Do outro lado da janela, abaixo de nós, vejo Maddy andando por uma grande sala vazia. Ao vê-la ali sozinha, sinto meu estômago ferver.

Uma porta no lado oposto da sala se abre com um rangido, e um homem e uma mulher de meia-idade caminham lentamente. Os dois estão magros e sujos. O homem está especialmente maltrapilho, uma das mangas da camisa social amarelada foi rasgada e está enrolada na testa, uma bandagem improvisada. A mulher precisa ampará-lo enquanto os dois se aproximam de Maddy.



– Prometi que ela teria os pais de volta quando nos trouxesse você – resmunga o mog. – Devo dizer que foi um trabalho benfeito.

Maddy atravessa a sala correndo e quase derruba os pais quando os abraça. Eles a abraçam também e, mesmo de longe, noto que todos estão chorando. Encosto a testa no vidro, desejando poder estar lá embaixo com eles.

– Porém – diz o mogadoriano –, nunca falei que os deixaria ir embora.

Ouçõ a besta antes de vê-la, um rugido feroz que faz tremer as paredes à nossa volta. Os mogadorianos que estão à minha direita e à esquerda se animam quando a criatura aparece. Sandor me falou sobre o piken e o papel que desempenharam essas criaturas na destruição de Lorien, mas eu nunca tinha visto uma pessoalmente. O piken é grande como um caminhão; o corpo lembraria o de um touro, não fosse pelas duas patas extras e pela fileira de espinhos retorcidos que acompanha a curvatura da coluna. A cabeça, estreita, parece a de uma serpente, e a boca babada é um rasgo repleto de presas tortas.

O pai de Maddy é o primeiro a ver o piken. Ele tenta se colocar entre a família e a besta, mas está muito fraco. Cai apoiado em um dos joelhos antes mesmo de a criatura começar a rodeá-los.

Maddy está olhando para cima, para a janela do observatório. Não sei ao certo se pode me ver. Ela balança os braços e grita. É difícil ouvir exatamente o que diz do outro lado do vidro grosso, mas acho que é: “Você prometeu!”

Ela repete muitas vezes.

Então, quando o piken se aproxima, as palavras mudam. Dessa vez não tenho dificuldade para ler seus lábios: “Stanley!”, Maddy está gritando. “Ajude-nos!”

Eu vomito.

Sinto o gosto da bile. Caio de joelhos, humilhado, desviando o olhar da cena grotesca lá embaixo.

Os mogadorianos riem e aplaudem. Para eles, aquilo é como um esporte.

O grandão bate no meu ombro como se fôssemos amigos.

– Se serve de consolo – diz –, logo, logo será você lá embaixo.

# CAPÍTULO

## VINTE E DOIS

Minha vida se resume a flexões e silêncio.

Os mogs me trancaram em uma pequena cela e parecem ter me esquecido. Aqui não há noite nem dia, pelo que posso notar, e eles só me alimentam quando querem. Registrar a passagem do tempo é impossível. Por isso faço flexões. No chão, nas paredes, no teto – onde é possível nesta minúscula prisão.

Penso em Sandor. Acredito que ele ainda está lá fora procurando por mim. Um dia, vai me encontrar. Vamos sair daqui e eu vou matar todos os mogadorianos que se atreverem a cruzar meu caminho.

Antes, eu me considerava em boa forma, mas estou ficando maior e mais forte. Pelo jeito como os mogs que me trazem a comida mantêm uma distância cautelosa, percebo que eu os intimido.

Fico contente. Eles que pensem no que vai acontecer quando eu sair daqui. Espero que sonhem com isso como eu sonho.

Às vezes, o grande mogadoriano que me capturou, ou um dos outros que parecem importantes, param na frente da minha cela para perguntar qualquer coisa. Onde escondi meu aparelho de transmissão? O que sei sobre a Espanha?

Eu nunca respondo. Não falo desde o primeiro dia neste lugar. Resmungo e rosno, e mostro os dentes. Deixo que pensem que enlouqueci, que o cativo me transformou em alguma espécie de animal. Talvez seja verdade.

Quando durmo, tenho pesadelos. São tão reais quanto a visão que tive de Lorien, mas não trazem conforto. Neles, um enorme mogadoriano coberto de tatuagens e cicatrizes horrorosas aponta na minha direção uma arma dourada em forma de um martelo gigantesco. Na parte plana há um olho preto pintado, um olho que pulsa quando é apontado para mim, deixando a sensação de que minhas entranhas estão sendo arrancadas.

De algum jeito, sei quem é o monstro gigantesco. Setrakus Ra. Meu inimigo.

Dormir é ruim, mas, às vezes, ficar acordado é ainda pior. Há dias em que parece que não consigo respirar. É como se a prisão inteira estivesse nas minhas costas. A necessidade de escapar torna-se primordial nesses momentos, e eu me

jogo contra o brilhante campo de força azul que me mantém na cela, deixando meu corpo ser atirado de volta para o pequeno espaço até me sentir exausto demais para continuar.

Então, surge a náusea. Aprendo a combatê-la. A cada vez que me choco com o campo de força a dor diminui um pouco.

Tento não pensar em Maddy.

Certo dia, os mogadorianos me tiram da cela. Se tivesse que arriscar um palpite, diria que estava ali havia meses.

Eles me levam a uma cela diferente, onde me colocam atrás de outro campo de força azul. O mogadoriano grande, da van, está na sala, sentado no que eu reconheço imediatamente como uma Arca Lórica.

Minha Arca Lórica.

– Nós o encontramos em Ohio – o mog conta sem nenhuma emoção. – Bisbilhotando na redação de um pequeno jornal que estávamos vigiando. Procurando você. – O mog aperta um botão e um painel no fundo da cela se levanta.

Meu coração para quando vejo o que há ali atrás.

Sandor. Meu Cêpan está pendurado no teto de cabeça para baixo. Foi muito espancado, está com os dois olhos roxos, os lábios inchados, o tronco coberto de marcas. Pior de tudo, talvez, eles arrancaram tufo de seus cabelos sempre impecáveis e deixaram seu terno elegante em frangalhos.

Não é mais o homem de que me lembro. Os mogadorianos o destruíram. Meus olhos se enchem de lágrimas, mas consigo segurá-las.

Sandor respira fundo quando me vê. Gostaria de saber quanto estou diferente depois desses meses no cativeiro. É difícil afirmar, com o rosto dele tão inchado e coberto de hematomas e ferimentos, mas Sandor parece quase feliz.

Sinto vergonha de mim mesmo – tanto por ser culpado pela captura dele, quanto por estar impotente.

– Meu menino prodígio – ele sussurra.

O mog olha para mim. Está segurando uma adaga que parece perigosa.

– Essa sua coisinha de voto de silêncio está divertida – ele diz. – Mas termina hoje.

Ele se aproxima e desliza de leve a lâmina pelo peito de Sandor.

– Não acredito que saiba de qualquer coisa – reflete o mog que me capturou. –

Nada que já não saibamos, pelo menos – acrescenta, dando de ombros. – Mas vou torturar seu Cêpan mesmo assim. Até que você me peça para parar.

Ele quer me dobrar. Não digo nada. Lembro as aulas de Sandor sobre o que fazer, caso o inimaginável acontecesse e eu fosse capturado. Não dê nada a eles, ele me ensinara. A menor informação pode prejudicar os outros Gardes que ainda estão escondidos. Não permita que eles o enfraqueçam.

Espero que não seja tarde demais para fazer Sandor se orgulhar de mim.

Olho nos olhos dele. Ele sustenta meu olhar até o mogadoriano começar a feri-lo; cortes precisos, cirúrgicos, cortes que devem doer muito, mas não são profundos o bastante para matar. Meu Cêpan fecha os olhos com força, o grito abafado pela mordança.

Quando o mogadoriano termina, Sandor já desmaiou de dor. Há uma poça de sangue no chão, debaixo dele.

Eu continuo em silêncio.

No dia seguinte, tudo recomeça.

Mantenho o corpo ereto e a boca fechada. Quando Sandor consegue olhar para mim, acredito ver uma ponta de orgulho em seus olhos.

Isso continua por dias. Depois de cada sessão, os mogadorianos me devolvem à cela, onde tremo incontrolavelmente até a rotina recomeçar.

Quando eles decepam os dedos de Sandor, tenho que virar o rosto.

Na sessão seguinte, o mogadoriano murmura desafinado uma canção enquanto corta o corpo de Sandor. Meu Cêpan oscila entre a consciência e a inconsciência. Espero ele fazer contato visual comigo antes de, finalmente, falar.

– Lamento por tudo – digo, e minha voz soa áspera após meses de silêncio.

O mog se vira para me olhar, surpreso.

– O que disse?

Quase incapaz de se mover, Sandor balança a cabeça de maneira praticamente imperceptível, como se me absolvesse da culpa por todos os erros que nos levaram até ali. Não encontro paz no perdão, mas talvez Sandor a encontre no ato de perdoar.

Ele fecha os olhos.

E algo em mim se rompe. Reunindo toda a minha energia, eu me atiro contra o campo de força, ignorando a dor. Há um zumbido, um estalo, depois o som de uma pequena explosão, e descubro que estou caído no chão da sala, olhando para os

mogadorianos cujos rostos monstruosos expressam o choque diante do que consegui fazer. Desativei o campo. Passei por ele.

Sei que só tenho um segundo para agir antes que o elemento surpresa perca seu efeito. Afasto a tontura e a náusea e tento usar a telecinesia para tirar a adaga da mão do mogadoriano, mas nada acontece. O campo, de algum modo, deve ter anulado meus Legados. Por ora, vou ter que contar apenas com a parte de mim que é humana. Comum.

Os mogadorianos correm na minha direção, mas estou pronto para enfrentá-los. Dou um chute no estômago do primeiro, ele fica sem ar e eu o atiro longe; puxo outro pelos tornozelos, tirando seu apoio. A cabeça dele faz um estalo alto ao bater no chão e em um pulo estou de pé. Os dois foram nocauteados, mas não por muito tempo.

Pego a adaga que o mogadoriano da van deixou cair e tento decidir qual deles vou matar primeiro, quando escuto um gemido atrás de mim. É Sandor.

– Não – ele murmura.

Viro-me para olhá-lo, e o encontro novamente de olhos abertos. Tenho a impressão de que ele está usando toda a energia que lhe resta para falar.

– Não eles – diz meu Cêpan. – Não vai adiantar. Vai haver mais.

– Então...? – pergunto. A voz fica presa na garganta. Isso não é justo. Não é como deveria. – O que eu faço?

– Você sabe o que tem que fazer – ele diz.

– Não posso. Não vou conseguir.

– Você sempre soube que eu morreria por você. Que morreria por Lorien.

Quase discuto com ele, mas não há tempo. Os mogs atrás de mim começam a se mexer. Sei que ele está certo. E sei o que devo fazer.

Pego a adaga e a enterro fundo no coração de Sandor.

Meu Cêpan está morto.

Fico praticamente alheio enquanto eles me tiram de perto de Sandor e me arrastam de volta para a cela. Estão gritando comigo, gritando como loucos, mais furiosos do que jamais os vi – mas é como se falassem outro idioma. Não sei o que estão dizendo, nem me interessa saber.

O que fiz foi um gesto de misericórdia. O último que me restava. Não haverá outro se eu tiver mais uma chance.

# CAPÍTULO

## VINTE E TRÊS

Os mogadorianos me deixam apodrecer na cela; o único contato se resume a uma ou outra bandeja de comida empurrada por baixo da porta. Tento passar pelo campo de força novamente, várias vezes, mas não funciona. Deve ter sido reforçado. Estão com medo de mim.

Não posso culpá-los. Às vezes também tenho um pouco de medo de mim.

Eu me agarro à lembrança de Sandor e de Maddy, revivendo mentalmente seus últimos momentos. Sinto a raiva ferver e minha mente se desliga. Quando volto a mim, estou suando, os nós dos meus dedos sangram e a parede de pedras da cela está lascada. Perdoei Maddy, mas não me perdoei.

Não há mais nada a fazer além de esperar, lembrar e me fortalecer.

E então, um dia acontece.

Posso dizer que tem algo errado. Ouço um estrondo que vem de baixo da cela e faz com que poeira caia do teto. O barulho dos mogadorianos correndo em grupos, passando pela frente da cela, falando alto e apavorados. O que é ruim para os mogs pode ser bom para mim.

Sinto uma descarga de energia como não sentia desde a primeira vez que Sandor me deixou treinar à vontade na Sala de Aula. Não consigo parar de abrir e fechar as mãos.

Chego perto da porta, o mais perto possível sem acionar o campo de força. Sinto-me como um touro de rodeio segundos antes de ser libertado da baia.

Quando o campo de força tremula e desaparece, quase não consigo acreditar. A luz azulada fez parte do meu mundo por tanto tempo, que preciso de um momento para me acostumar à sua ausência.

Ouço uma voz do outro lado da porta. Não é de um mogadoriano; é a voz de um adolescente. Não sei o que ele está perguntando e não me importo.

– Cale a boca e se afaste, garoto!

Arranco a porta e a jogo no corredor. Sou mais forte do que me lembrava. Parte do teto desaba com o impacto da porta e eu vejo dois garotos, o maior deles usando telecinesia para proteger-se e proteger o amigo dos escombros.

Um Garde. Até que enfim.

Uma criaturinha com ar estúpido aponta uma arma para mim. Suas mãos tremem muito. O Garde me olha atentamente, depois coloca no chão as duas Arcas que está carregando. Uma delas é a minha.

– Que número você é? – ele pergunta. – Eu sou o Quatro.

Eu o analiso. Por alguma razão, esperava que o Garde fosse maior. Quatro deve ter a minha idade, mas parece ser bem mais novo. Mais novo e mais fraco.

Aperto a mão dele.

– Sou o Nove. Fez um bom trabalho se mantendo vivo, Número Quatro.

Quatro e o outro garoto, um humano chamado Sam, me explicam o que estão fazendo ali enquanto vasculho o conteúdo da minha Arca. Não estou ouvindo, realmente, até que eles chegam à história de Sam: o pai desaparecido, possivelmente capturado por mogs. Gostaria de poder salvá-lo. Queria poder salvar todo mundo. Mas não posso. E quem estava lá para salvar Maddy? Quem estava lá para salvar Sandor?

Pego uma pedra de dentro da Arca. Lembro-me de Sandor usando-a quando estava desmontando um aparelho especialmente complicado. A pedra lhe permitiu enxergar através da coisa, ver suas engrenagens. Deve servir para Sam enxergar através das paredes e talvez encontrar o pai. Ele só precisará de um pouco de “combustível”.

Pressiono o polegar contra a testa de Sam, compartilhando meu poder com ele.

“Você tem cerca de dez minutos. Vá!”

Ele desaparece pelo corredor.

E é então que os mogs finalmente chegam.

Eles invadem o corredor. Pego meu cajado de dentro da Arca e corro ao encontro deles. Subo pela parede, disparo pelo teto, alcanço uma velocidade que não me lembro de ter alcançado antes. Eles não me veem chegar, até que pulo no meio do grupo e empalo dois deles com o cajado.

Esperei muito tempo por isso.

Sinto uma espécie de vertigem quando corro entre os caras maus, quebro uma cabeça aqui, esmago um esterno ali. Giro entre as fileiras inimigas, rodando o cajado enquanto me movimento. O mog que me capturou e torturou Sandor está no primeiro grupo? Não importa; todos vão morrer do mesmo jeito. Vou pegá-lo, agora ou mais tarde.

Não percebo que estou rindo até sentir na boca o gosto amargo das cinzas dos mogadorianos.

E as saboreio.

A luta termina depressa demais. Volto correndo pela parede e em segundos me junto a Quatro e a Sam, deixando para trás uma nuvem de cinzas. Quero mais.

“Temos que ir”, anuncia Quatro.

Não quero. Quero destruir aquele lugar. Mas alguma coisa me diz que devo ouvir o garoto, que temos que ficar juntos. Esse seria o desejo de Sandor.

Temos que lutar para sair dali. Minha mente se desliga quando a luta se torna mais feroz. Em algum momento percebo que Quatro e eu nos separamos de Sam. Lamento pelo menino – mais um humano atingido pelos efeitos colaterais.

Minha piedade é rapidamente sufocada pela necessidade de destruir completamente aquele lugar.

Cravo o cajado no pescoço de um piken. Estou montado no animal quando ele desaba e o sangue respinga em mim, misturando-se à camada de cinzas dos mogadorianos. Sinto seu sabor se misturando ao gosto metálico do meu próprio sangue.

Estou sorrindo. Quatro olha para mim horrorizado, como se eu não fosse muito melhor que os monstros que estamos matando.

– Você é maluco? – ele pergunta. – Está gostando disso?

– Passei um ano trancafiado – respondo. – Este é o melhor dia da minha vida!

É verdade. Nunca me senti tão bem. Porém, tento disfarçar o prazer que sinto com tudo aquilo. Não quero assustar Quatro.

Apesar de me condenar, Quatro não hesita em segurar minha mão quando precisamos do meu Legado antigravidade para escapar. É uma luta demorada e brutal. Quando finalmente vislumbramos a luz do dia, fico decepcionado. Queria que aquilo nunca acabasse. Olho para Quatro. Ele está bem machucado, mas matou vários mogadorianos e pikens na fuga, mesmo não tendo o meu entusiasmo.

Talvez ainda possamos fazer dele um guerreiro.

Escapamos da base mogadoriana e respiro com avidez meus primeiros sopros de ar fresco em mais de um ano. Imediatamente, sou dominado pela ânsia de vômito. O cheiro de animais mortos é insuportável.

Quatro e eu corremos para as árvores. Ele quase não chega lá, e desmorona encostado a um tronco. Está fisicamente esgotado e, a julgar pelas lágrimas,



mentalmente também. Está se culpando por ter abandonado Sam.

Sei uma ou duas coisinhas sobre culpa, mas não sei o que dizer ao garoto. Levante a cabeça, campeão, da próxima vez vamos acabar com eles. Tudo em que penso parece vazio, então fico calado.

Com o tempo ele vai aprender a se distanciar das emoções. Emoções podem matar você. E também os outros.

Estou tratando as costas do Quatro com uma pedra de cura quando o céu começa a escurecer, como se anunciando uma terrível tempestade. Quatro chega a pensar que é Seis chegando para nos ajudar.

Não é. É Setrakus Ra.

Apesar de vê-lo em minhas visões, não estou preparado para seu tamanho. É maior do que qualquer mogadoriano que já vi, completamente repulsivo, mesmo de longe. Os três pingentes lóricos que vejo brilhando em seu pescoço me fazem cerrar os punhos com força, as unhas cravadas nas palmas.

De repente entendo perfeitamente para que Sandor me treinou. Esta é a minha batalha. Matar Setrakus Ra é o destino que tenho perseguido.

Juntos, Quatro e eu atacamos.

# CAPÍTULO

## VINTE E QUATRO

“Ele está bem?”, pergunto.

*Ele precisa descansar*, diz uma voz em minha cabeça, como a de um Chimæra. Falar com animais, essa é nova. O dia foi repleto de surpresas. Aconteceu tanta coisa, que nem tive tempo para pensar sobre meu Legado descoberto recentemente. Terei tempo para isso mais tarde, quando as coisas se acalmarem.

Se elas se acalmarem.

Quatro está deitado no banco de trás do SUV, praticamente encolhido. Seu Chimæra, cujo nome foi tirado de um frágil atleta humano, está deitado ao lado dele, lambendo seu rosto com delicadeza. Lembro o sonho que tive, um sonho no qual eu brincava com meu Chimæra em Lorien, mas empurro a recordação para o fundo da mente, junto com todas as outras coisas que quero esquecer.

A guerra começou. Só tenho um objetivo.

O covarde Setrakus Ra fugiu para a base mogadoriana antes que conseguíssemos pegá-lo. Com Quatro sofrendo os efeitos devastadores do campo de força e sem nenhuma possibilidade de voltarmos ao interior da base, decido que é hora de uma retirada estratégica.

O dia de Ra vai chegar. Quando disse a Quatro que o esfaquearia uma vez para cada dia que seu povo havia passado torturando Sandor, falei sério.

Dou a partida. É a primeira vez que dirijo desde aquela noite fatídica com Maddy. Penso em como ela agarrou meu braço enquanto eu ultrapassava faróis vermelhos, mas também afasto essa memória.

– Então, qual vai ser nosso próximo passo? – pergunto a Quatro.

– Vamos para o norte – ele diz. – Acho que o norte é uma boa opção.

– Você manda, chefe.

Eu já sabia para onde iríamos, mas é mais fácil não ter que convencer Quatro.

Vai ser bom rever Chicago. Tenho certeza absoluta de que os mogadorianos nunca encontraram nossa casa, nosso esconderijo seguro – eles teriam anunciado a descoberta com orgulho, teriam usado isso para me desmoralizar ainda mais. O apartamento ainda deve estar lá, na cobertura do John Hancock Center, um lugar

seguro onde poderei planejar nosso próximo passo.

Um lugar repleto de lembranças dolorosas que terei que ignorar.

Dirijo para o norte, pisando fundo no acelerador. É irônico. Finalmente tenho minha liberdade. Mas houve um preço. Agora posso escolher meu destino.

E já o escolhi.

O dia de hoje ficará marcado nos livros de História dos mogadorianos como um dia sombrio. O dia em que eles me deixaram escapar. Em qualquer recanto sinistro do universo onde se reúnam os mogadorianos que conseguiram fugir, o dia de hoje será discutido em voz baixa, como a data em que a aniquilação de sua raça tornou-se uma certeza.

Eu vou matar todos eles.

## Sobre o autor



Pittacus Lore é o Ancião a quem foi confiada a história dos nove loriens. Passou os últimos doze anos na Terra, preparando-se para a guerra que decidirá o destino do planeta. Seu paradeiro é desconhecido.

# Conheça os livros da série

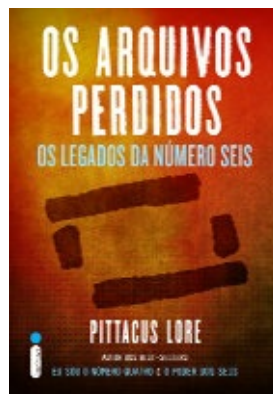
## OS LEGADOS DE LORIEN



Eu sou o Número Quatro



O poder dos seis



Os arquivos perdidos: Os Legados da Número Seis